

SERIE I
BIBLIOTECA
PEDAGOGICA
BRASILEIRA
LITERATURA
INFANTIL
VOLUME
XXIII

Monteiro Lobato

Peter Pan

a historia do menino que não queria crescer,
contada por Dona Benta



1935

COMPANHIA
EDITORIA
NACIONAL
SAO PAULO



C.S. O. R. C. R. M. H. F. 3V



CS. 000 17 18.9



BOOK 117/15

PETER PAN



C8.0.QCR.117/F.5V

BIBLIOTECA DE PEDAGOGIA BRASILEIRA

Sob a direção de
FERNANDO DE AZEVEDO

Serie I Literatura Infantil

VOLUMES PUBLICADOS :

FOLIA - CARTE

I — <i>Reinações de Narisinho</i> — por MONTEIRO LOBATO (2. ^a edição)	68
II — <i>Alice no País das Maravilhas</i> — por LEWIS CARROLL — Tradução de MONTEIRO LOBATO (2. ^a edição)	58
III — <i>Viagem ao Céu</i> — por MONTEIRO LOBATO (2. ^a edição)	68
IV — <i>O Sacl</i> — por MONTEIRO LOBATO (5. ^a edição)	68
V — <i>Aventuras de Hans Staden</i> — por MONTEIRO LOBATO (3. ^a edição)	68
VI — <i>Contos de Andersen</i> — Tradução de MONTEIRO LOBATO (2. ^a edição)	58
VII — <i>Contos de Grimm</i> — Tradução de MONTEIRO LOBATO (2. ^a edição)	58
VIII — <i>Alice no País do Espelho</i> — por LEWIS CARROLL — Trad. de MONTEIRO LOBATO	58
IX — <i>As Caçadas de Pedrinho</i> — por MONTEIRO LOBATO	68
X — <i>A Historia do Mundo para as Crianças</i> — MONTEIRO LOBATO (4. ^a edição)	108
XI — <i>Novas Reinações de Narisinho</i> — por MONTEIRO LOBATO (2. ^a edição)	68
XII — <i>Aventuras do Barão de Munchhausen</i> — por G. A. BURGER	58
XIII — <i>Pinocchio</i> — por C. COLLODI — Trad. revista por MONTEIRO LOBATO	78
XIV — <i>Emilia no País da Gramatica</i> — por MONTEIRO LOBATO (2. ^a edição)	78
XV — <i>Novos Contos de Andersen</i> — Tradução de MONTEIRO LOBATO	58
XVI — <i>Novos Contos de Grimm</i> — Tradução de MONTEIRO LOBATO	58
XVII — <i>Contos de Fadas de Perrault</i> — Tradução de MONTEIRO LOBATO	58
XVIII — <i>Historia do Brasil para as Crianças</i> — VIRIATO CORRÊA (4. ^a edição)	108
XIX — <i>Robinson Crusôé</i> — Adaptação de MONTEIRO LOBATO (2. ^a edição)	68
XX — <i>Peter Pan</i> — MONTEIRO LOBATO	78
XXI — <i>Aritmetica da Emilia</i> — por MONTEIRO LOBATO	88
XXII — <i>Geografia de Dona Benta</i> — por MONTEIRO LOBATO	108
XXIII — <i>Historia das Invenções</i> — por MONTEIRO LOBATO	88
XXIV — <i>Meu Torrão</i> — VIRIATO CORRÊA	68

Serie I

BIBLIOTECA PEDAGOGICA BRASILEIRA
LITERATURA INFANTIL

Vol. XX

C8.D.QCR.171P.6

MONTEIRO LOBATO

*

PETER PAN

A HISTORIA DO
MENINO QUE NÃO QUERIA CRESCER,
CONTADA
POR DONA BENTA



1935

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
RUA GUSMÕES, 118. S. PAULO

C8.0. BCR. 117 / F. 6V

IND E

CAP.	PAG.
I. <i>Peter Pan</i>	11
II. <i>A Terra do Nunca</i>	37
III. <i>A Lagoa das Sereias</i>	55
IV. <i>A Morada Subterranea</i>	70
V. <i>O Navio dos Piratas</i>	86
VI. <i>A Volta</i>	95



CAPITULO I

PETER PAN

QUEM já leu as *Novas Reinações de Narizinho* (*) deve estar lembrado que naquela noite de circo, no sitio do Picapau Amarelo, o palhaço havia sido raptado misteriosamente. Raptado por quem? Todos ficaram na duvida, sem saber o que pensar do estranho acontecimento. Todos, menos o gato Felix. Esse figurão afirmava que o autor do rapto só poderia ser uma criatura — Peter Pan.

— Foi ele! disse o gato Felix. Juro como foi Peter Pan.

Mas quem era Peter Pan? Ninguém sabia, nem a propria dona Benta, a velha mais sabida de quantas existem.

— Pois se não sabe, gritou Emilia, trate de saber. Nós não podemos ficar assim na ignorancia. Onde já se viu uma velha de oculos de ouro ignorar o que um gato sabe?

Dona Benta calou-se, achando que era mesmo uma vergonha que o gato Felix soubesse quem era Peter Pan e ela não — e escreveu a uma livraria de S. Paulo pedindo que lhe mandassem a historia do tal Peter Pan. Dias depois recebeu um lindo livro em inglês, cheio de gravuras coloridas, dum tal J. M. Barrie. O titulo da obra era *Peter Pan and Wendy*.

Dona Benta leu o livro inteirinho e depois disse:

— Pronto! Já sei quem é o senhor Peter Pan, e sei melhor que o gato Felix, pois duvido que ele haja lido este livro.

(*) Vide Vol. 1.º desta serie.

— Está claro que não leu, observou Emilia. Ele só lê ratos. Lê com os dentes...

— Se leu, conte, vóvó! gritou Narizinho. Andamos ansiosos por conhecer a historia desse famoso menino.

— Muito bem, disse dona Benta. Como hoje já é muito tarde, começarei a historia amanhã, ás sete horas. Fiquem todos avisados.

No dia seguinte, de tardinha, a curiosidade dos meninos começou a crescer. A's seis e meia já estavam todos na sala, em redor da mesa, á espera da contadeira. Emilia olhava para o relógio pensativamente. Quem entrasse em sua cabeça havia de encontrar lá esta asneirinha: "Que pena os relógios não andarem de galope, como os cavalos! Nada me amola tanto como esta maçada de esperar que chegue a hora das coisas — a hora de brincar, a hora de dormir, a hora de ouvir historias..."

Pedrinho matava o tempo arrepiando zizes no veludo de uma velha almofada — com o dedo. E Narizinho, no seu vestido novo de rosinhas côr de rosa, fazia exercício de "parar de pensar" — uma coisa que parece facil mas não é. A gente, por mais que faça, pensa sem querer.

Faltava o visconde. O velho sabio, depois que se meteu a estudar matematicas, fazia tudo com "precisão matematica", que é como se diz das pessoas que não fazem as coisas mais ou menos, e sim certinho. Quando bateu sete horas ele entrou, em sete passadas, cada uma correspondendo a uma pancada do relógio. Logo depois surgiu dona Benta.

— Viva vóvó! gritaram os meninos.

— Viva a historia que ela vai contar! berrou Emilia.

Dona Benta sentou-se na sua cadeira de pernas serradas, subiu para a testa os oculos de aro de ouro e começou:

— Era uma vez uma familia inglesa...

— Espere, sinhá! Não comece ainda, gritou lá da copa tia Nastacia. Eu também faço questão de conhecer a historia desse pestinha. Estou acabando de lavar as panelas e já vou.

Dona Benta esperou que a negra chegasse, apesar do protesto da Emilia, que disse: “Fedor! Para que precisa uma negra beijuda saber a historia de Peter Pan?”

Tia Nastacia veio e escarrapachou-se no assoalho, entre o visconde e a menina. Só então dona Benta começou de verdade.

— Havia na Inglaterra uma familia inglesa composta de pai, mãe e tres filhos — uma menina de nome Wendy (pronuncia-se Uêndi), que era a mais velha; um menino de nome João Napoleão, que era o do meio; e outro, de nome Miguel, que era o caçulinha. Os tres tinham o sobrenome de Darling, porque o pai se chamava não sei que Darling. Esses meninos ocupavam a mesma “nursery” numa linda casa de Londres.

— Nursery? repetiu Pedrinho. Que vem a ser isso?

— Nursery (pronuncia-se nârseri) quer dizer em inglês quarto de crianças. Aqui no Brasil quarto de criança é um quarto como outro qualquer e porisso não tem nome especial. Mas na Inglaterra é diferente. São uma beleza os quartos das crianças lá, com pinturas engraçadas rodeando as paredes, todo cheio de moveis especiais e de quanto brinquedo existe.

— Bói de xúxú tem? indagou Emilia.

— Talvez não tenha, porque bói de xúxú é brinquedo de meninos da roca e Londres é uma grande cidade, a maior



do mundo. As crianças inglesas são muito mimadas e têm os brinquedos que querem, porque na Inglaterra os brinquedos não custam os olhos da cara, como aqui. E que bons e bonitos são!

— Por que, vóvó, os brinquedos no Brasil custam tanto dinheiro e são tão ordinários? quis saber Pedrinho. Aquele urso que a senhora me deu no ultimo Natal, por exemplo: custou cinco mil réis e nem bem saiu da caixa já derrubou o rabo e entortou a orelha.

— Por causa dos impostos, meu filho. Ha no Brasil uma peste chamada governo que vai botando impostos e selos em todas as coisas que vêm de fóra, a torto e a direito, só pela ganancia de arrancar dinheiro do povo para encher a barriga dos parasitas. Quando você for presidente da Republica trate de fazer uma lei que acabe com essa pouca vergonha de cobrar altos impostos até sobre cavalinhos de pau, trenzinhos de folha, patinhos de celuloide, gaitas de assoprar, bonecas, etc. Tome nota para não esquecer.

Pedrinho tomou nota numa capa de livro da lei tão necessaria ao Brasil e dona Benta continuou:

— Pois é isso. Essa nursery era um encanto. Imaginem que quem tomava conta das crianças era a Nana.

— Alguma criada?

— Não. Uma cachorra muito inteligente. Era Nana quem dava banho na criançada, quem as vestia para dormir e tudo mais — e muito direitinho.

Na noite em que a nossa historia começa, Nana estava cochilando perto da lareira, com a cabeça entre as patas, enquanto no comodo pegado o senhor e a senhora Darling se preparavam para uma visita a uns parentes. Quando o casal saia de noite quem ficava tomando conta dos meninos era sempre a cachorra.

Nisto o relógio bateu oito horas — bem, bem, bem, bem, bem, bem.

— A senhora errou, dona Benta, disse logo Emilia, que não deixava escapar coisa nenhuma. A senhora só bateu seis *bems*.

Dona Benta riu-se.

— Não faz mal, disse ela. Os dois que faltam ficam *subentendidos*. Mas o relógio bateu oito horas e Nana ergueu-se e espreguiçou-se, porque a ordem da senhora



Darling era fazer a criançada ir para a cama a essa hora justa. Depois Nana acendeu a luz elétrica.

— Como?

— Ela sabia agarrar com a boca na chave da luz e torcer. Estava acostumada a fazer isso. Acendeu a luz e foi ver os pijamas de cada um. E foi ao banheiro abrir a torneira de água quente e fria, experimentando a água com a pata para ver se estava no ponto.

— Que danada! Por que a senhora não nos arranja uma cachorra assim, vóvó?

— Por que vocês só querem saber de onças e rinocerontes e bichos esquisitos. Mais deixem estar que ainda ponho um cachorrinho aqui no sítio.

— E ha de chamar-se Japi! gritou Emilia, que sempre fôra a botadeira de nomes. Mas continue, dona Benta. Encheu a banheira d'agua e que mais?

— Preparou a agua do banho e foi buscar Miguel, que era o menorzinho, e Miguel veio montado nela, dando esporadas. Nana o fez apear-se e entrar n'agua e foi fechar a porta para que não houvesse corrente de ar. Depois de acabado o banho, deu o pijaminha para ele vestir e o levou para a cama.



Nesse momento a mãe dos meninos entrou no quarto para ver se estava tudo em ordem. Agradou a todos, um por um, prometeu um passeio ao jardim zoologico, para que vissem a enorme goela vermelha do hipopotamo e o pescoço que não acaba mais da girafa. Depois contou uma historia linda.

— Que historias ela contava? perguntou Emilia.

— Quantas existem. As mesmas que já contei a vocês e muitas outras. Depois distribuiu beijos, dizendo: "Agora tratem de dormir." Acendeu uma lamparina de

luz muito fraca, apagou a luz electrica e ia saindo na ponta dos pés, quando notou uma sombra esquisita na parede — uma sombra que vinha da rua. Voltou-se de repente e viu do lado de fóra da janela o vulto dum menino.

Assustou-se, está claro, porque as boas mães se assustam por qualquer coisinha, e correu a fechar a vidraça. Fez isso tão depressa que a sombra não teve tempo de retirar-se e foi guilhotinada. Por essa e outras é que as tais vidraças de subir e descer, como as nossas aqui do sitio, são chamadas “vidraças de guilhotina”.

— E que é guilhotina? perguntou Emilia, que pela primeira vez ouvia essa palavra.

Dona Benta explicou que era uma certa maquina de cortar cabeça de gente, inventada por um medico francês de nome Guillotin. Isso durante o terrivel periodo da Revolução Francesa, um tempo em que cortar cabeça de gente se tornou a preocupação mais séria do governo. E Pedrinho, já lido na Historia do Mundo, lembrou que o proprio doutor Guillotin teve a sua cabeça cortada por essa maquina.

— Bem feito! disse Emilia. Quem manda...

— Bom, chega de guilhotina, gritou Narizinho. Continue, vóvó. A senhora Darling guilhotinou a cabeça da sombra e que fez depois?

— Ao ver cair no chão a cabeça da sombra, como se fosse um pedaço de gaze negra, ela murmurou: “Que fato estranho!” Depois abaixou-se, pegou a cabeça da sombra e examinou-a á luz da lamparina, com cara de quem diz: “Nunca ouvi contar dum fato semelhante! E’ dessas coisas que até parecem invenção.” Em seguida dobrou a sombra, bem dobradinha, guardou-a na gaveta de Wendy e retirou-se do quarto, pensativa.

— E os meninos? indagou Narizinho. Nada viram?

— Os meninos nada perceberam. Quando a senhora Darling deu com a sombra na parede, eles já iam caindo no sono.

O quarto ficou mergulhado em silencio profundo. Todos dormiam, e até a chama da lamparina parecia cochilar, de tão quietinha. Mas de repente essa luz tre-meu tres vezes e apagou-se.

— Por que? indagou Narizinho.

— Algum besouro, sugeriu Emilia.

— Não, disse dona Benta. E' que havia entrado pela janela uma pequena bola de fogo.

— Como havia entrado pela janela, se a janela esta-va fechada? berrou Emilia.

— Isso não sei, disse dona Benta. O livro nada conta. Mas como fosse uma bola de fogo magica, o caso se torna possivel. Para as bolas de fogo magicas tanto faz uma janela estar aberta como fechada. Ela acha sempre jeito de entrar. Do contrario não valia a pena ser bola magica. Entrou e começou a esvoaçar em todas as direções, muito aflitazinha, como quem anda atrás dal-guma coisa.

— Já sei, interrompeu Narizinho. Estava procurando a cabeça da sombra.

— Talvez fosse isso, concordou dona Benta, porque depois de varias voltas pelo ar a bola parou defronte do armario de Wendy e entrou na gaveta pelo buraco da fechadura.

— E houve um incendio, já sei! gritou Emilia. Bola de fogo em gaveta de armario é incendio certo. A cidade de Londres vai ser destruida...

— Crédo! exclamou tia Nastacia, que estivera cochilando e acordara naquele ponto. Não fale assim, Emilia, que é mau agouro.

— Não houve incendio nenhum, disse dona Benta. Bola de fogo magica não pega fogo nas coisas.

— Então que aconteceu? perguntou a menina.

— Nada. A bola ficou na gaveta, e nesse mesmo instante a janela foi erguida pelo lado de fóra. A cabeça

dum menino apareceu. Apareceu, espiou de todos os lados e pulou para dentro do quarto, sem fazer o menor barulho.

— “Sininho, Sininho! Onde está você, Sininho? indagou ele em voz bem baixa.

— “*Tlin, tlin, tlin*, foi a resposta da bola de fogo, lá dentro da gaveta.

O menino dirigiu-se pé ante pé na direção dos *tlins*, abriu a gaveta e remexeu-a toda, até encontrar a cabeça da sombra. Pela cara alegre que fez via-se que era o dono dela.

— Que engraçado! exclamou Emilia. Só agora noto que todos nós temos a nossa sombra, que é só nossa e de ninguém mais. Infelizmente a minha sombra não é de gaze, como a desse menino. E’ de ar preto.

— E que fez ele, vóvó, depois de achar a sombra? perguntou a menina.

— Que fez? Tirou-a da gaveta, desdobrou-a e tratou de emenda-la no resto, porque desde que a senhora Darling desceu a janela ele ficou com a sombra sem cabeça — ou decapitada. Mas isso de emendar sombra não é coisa facil. Exige pratica. O menino tentou primeiro gruda-la com cuspo. Não grudou. Lembrou-se de a colar com sabão. Também não colou. O menino ficou atrapalhado.

— Se fosse eu, disse Emilia, experimentava uma bisnaga de Cola-Tudo. O que cola tudo, deve colar sombra também.

— E onde achar a tal bisnaga de Cola-Tudo?

— Toda as nurserys devem ter uma bisnaga de Cola-Tudo para colar os brinquedos. Eu, se fosse a senhora Darling...

— Está bem, Emilia, mas páre de falar. Não atrapalhe mais. Continue, vóvó.

Dona Benta continuou:

— A cabeça não colava de jeito nenhum, de modo que o menino foi tomado de grande desespero. Isso de ter sombra sem cabeça parece ser uma coisa terrível; pelo menos para aquele menino, pois escondeu a cara nas mãos e pôs-se a chorar tão alto que Wendy acordou e sentou-se na cama, muito admirada.

— “Por que está chorando? indagou ela.

Em vez de responder, o menino enxugou depressa os olhos com as costas da mão e fez um bonito cumprimento com o gorro vermelho. Depois disse :



— “Eu ha muito tempo que ando querendo saber qual é o seu nome.

— “Meu nome é Wendy Darling, respondeu a menina. E o seu?

— “Peter Pan.

— “E onde mora o senhor Peter Pan?”

— “Moro na rua das casas, numero das portas.

Wendy riu-se daquela molecagem e puxou prosa. Conversa vai, conversa vem, ficou sabendo que Peter Pan era um menino sem pai, nem mãe, que vivia solto pelo mundo e agora estava muito atrapalhado por ter perdido a cabeça de sua sombra.

Peter Pan



... e Miguel veio montado em Nana.

(Pag. 16)



— “Não gruda, nem com sabão, disse ele fazendo bico.

— “Bobo! exclamou Wendy rindo-se. Com sabão está claro que não gruda. Sabão só gruda nota velha. Sombra tem que ser costurada com retroz, quer ver? e sem esperar resposta pulou da cama, foi á sua mesinha de costura, abriu a cesta e tirou uma agulha já enfiada.



Ajeitou a cabeça da sombra no resto da sombra e num instante alinhavou-a com retroz preto. Ficou que ninguém percebia a emenda.

— “Pronto! Vê como está bem agora?

Peter Pan pulou de contentamento. Deu varias voltas pela nursery, num verdadeiro namoro com a sua sombra concertada.

— “Eu sou mesmo um danado! exclamou por fim, todo cheio de si.

Tamanha gabolice espantou Wendy. Ela havia concertado a sombra e o prosa chamava para si as honras! Já se viu uma coisa assim?

— “Danado, você? disse a menina com ironia. Se fui eu quem costurou a sombra como o danado póde ser você, são prosa?”

— “Sim, disse o menino; você ajudou um pouco, não nego.

— “Ajudou! repetiu Wendy imitando-lhe o tom de voz. Pois nesse caso, passe muito bem! Não gosto de gente gabola.

Disse e pulou para a cama, deitando-se e cobrindo a cabeça com a colcha.

Peter Pan desapontou e fez cara de arrependido.

— “Oh, não se ofenda, Wendy! Eu tenho esse defeito. Sou gabola de nascença. Quando qualquer coisa de bom me acontece, ponho-me sem querer a contar prosa. Seja boa. Perdôe-me. Reconheço que uma menina vale mais do que vinte meninos.

— Isso também não! protestou Pedrinho. Só se é lá na Inglaterra. Aqui no Brasil um menino vale pelo menos duas meninas.

— Olhem o outro gabola! disse Narizinho. Vóvó já disse que *louvor em boca propria é vituperio*.

— Wendy, continuou dona Benta, enterneceu-se com o tom daquelas palavras e sentou-se de novo na cama, descobrindo a cabeça. Estava risonha e contente.

— “Peter Pan, disse ela, você bem que merece um beijo. Quer?”

O menino ficou no ar, sem compreender. Menino sem mãe é assim, nem beijo sabe o que é. Beijo! pensou ele consigo. Que seria isso de beijo? Com certeza era aquele copinho de prata que Wendy tinha posto no dedo quando tomou a agulha para coser a sua sombra. Não podia ser outra coisa.

— “Quero, respondeu ele, e foi logo tirando o dedal do dedo de Wendy e colocando-o no seu, certo de que beijo queria dizer dedal. Depois, para retribuir a gentileza, perguntou á menina se ela aceitava um beijo dele.



— “Aceito, sim, respondeu Wendy, que estava achando muito curioso aquilo.

— “Pois tome este, disse Peter Pan arrancando um dos botões do seu casaco e apresentando-o á menina com toda a seriedade.

— Já sei, gritou Emilia. Beijo para ele significava presente, um presente qualquer. Que bobíssimo!

— Wendy, continuou dona Benta, recebeu o botão e ficou de olhos postos em Peter Pan. Subito, perguntou:

— “Que idade você tem, Peter Pan?”

— “Não sei. Só sei que sou bastante criança. Fugi de casa no mesmo dia em que nasci.

— “No mesmo dia em que nasceu? Que ideia! E por que, meu caro?”

— “Porque ouvi uma conversa entre meu pai e minha mãe sobre o que eu havia de ser quando crescesse. Ora, eu não queria crescer. Não queria, nem quero nunca virar homem grande, de bigodeira na cara, feito tatorana. Muito melhor ser sempre menino, não acha? Por isso fugi e fui viver com as fadas.

Wendy quasi perdeu a fala de tanto gosto, ao saber que estava diante dum menino conhecedor de fadas. Ela ouvia sua mãe contar historias de fadas, mas não havia nunca falado com alguem que as conhecesse pessoalmente.

— “E’ verdade isso, Peter? Ha mesmo fadas ou você está a mangar comigo?”

— “Verdade, sim, Wendy. Não muitas, mas ha.

— “E de onde vêm elas?”

— “Então não sabe, Wendy? Parece incrível! Não ha quem não saiba disso...

— “Pois eu não sei. Conte.

— “Foi assim. A primeira fada apareceu no mundo no dia em que a primeira criança nascida deu a primeira risadinha.

— “Oh, nesse caso deve haver uma fada para cada criança do mundo, porque todas as crianças dão uma primeira risadinha, observou Wendy.

— “Assim devia ser, confirmou Peter Pan, se as fadas não fossem as criaturas mais faceis de morrer que existem. Morrem como passarinhos. Cada vez, por exem-

plo, que uma criança diz que não acredita em fadas, morre uma delas.

Aqui tia Nastacia interrompeu a narrativa para dizer :

— Para mim esse menino estava empulhando dona Wendy. Estou velha e só vi fadas nas historias.

— Cale a boca ! berrou Emilia. Você só entende de cebolas e alhos e vinagres e toieinhos. Está claro que não poderia nunca ter visto fada porque elas não aparecem para gente preta. Eu, se fosse Peter Pan, enganava Wendy dizendo que uma fada morre sempre que vê uma negra beicuda...

— Mais respeito com os velhos, Emilia ! advertiu dona Benta. Não quero que trate tia Nastacia desse modo. Todos aqui sabem que ela é preta só por fóra.

— E' o pigmento, disse o visconde. Isso de brancuras e preturas não passa de maior ou menor quantidade de pigmentos nas celulas da pele.

Emilia, que não sabia o significado de pigmento, veio logo com a sua celebre respostinha : "Pigmento é o seu nariz," mas dona Benta apoiou o visconde, dizendo que era aquilo mesmo, que os pretos são pretos porque têm muitos pigmentos na pele.

— Mas que é esse tal pigmento, vóvó ?

— Pigmento é como os sabios chamam a qualquer substancia colorida que tinge os tecidos duma planta ou dum organismo animal. A rosa vermelha é vermelha por causa dos pigmentos vermelhos que possui nas petalas e os negros são negros por causa dos pigmentos negros que possuem na pele.

— Quer dizer, observou Emilia, que se os pigmentos de tia Nastacia fossem côr de burro quando foge ela não seria negra e sim uma burra fugida...

— Chi, meu Deus ! exclamou Narizinho. Como a Emilia está asneirenta hoje...

— E' a lua, disse tia Nastacia. Já reparei que em tempo de lua cheia Emilia dá para espirrar bobagem que nem torneira aberta que a gente quer tapar com a mão.

Emilia botou-lhe a lingua e dona Benta prosseguiu :

— Mas vamos ao caso. Vocês me interrompem tanto que a historia não pode chegar ao fim. Peter Pan contou a Wendy como as fadas nascem, e ao falar em fada lembrou-se da bola de fogo que havia entrado na gaveta. Era uma fada, essa bolinha, e muito sua amiga. Uma fada que fazia tudo que as outras fadas fazem, menos falar. Sua fala não passava daquele *tlin, tlin, tlin* de campainha de prata.

Assim que Peter Pan se lembrou da bola de fogo, ou Sininho, como era o seu nome, um *tlin, tlin, tlin* zangado se fez ouvir dentro da gaveta.

— “A pobre! exclamou Peter Pan. Deve estar furiosa comigo por ter-me distraído com você e esquecido dela. Sininho é ciumentíssima.

De fato. Sininho saiu da gaveta furiosa. Esvoaçou pelo quarto por uns instantes, indo afinal esconder-se num canto, emburrada. Eram ciúmes de Wendy. Mas a menina não deu nenhuma importancia áqueles maus modos; continuou a conversar com Peter Pan como se não houvesse visto nada.

— “Vamos, Peter Pan! disse ela. Conte-me mais alguma coisa da sua vida. Conte onde mora, mas de verdade.

— “Moro com os meninos perdidos.



— “Fiquei na mesma, retorquiu Wendy. Quem é essa gatinha? Nunca ouvi falar em meninos perdidos.

— “Meninos perdidos são os meninos que caem dos carrinhos nos jardins publicos quando as amas se distraem a namorar os soldados. Se as mães deles não conseguem encontra-los no praso de quinze dias, eles são remetidos para a Terra do Nunca, onde quem manda sou eu.



— “Que engraçado! exclamou Wendy. Terra do Nunca! Está aí uma terra que eu não sabia que existisse. As geografias não falam dela. E depois? Que ideia a sua, de aparecer por cá esta noite?

— “Eu costumo vir sempre, respondeu Peter Pan, para escutar do lado de fóra da janela as historias tão lindas que sua mãe conta. Tantas vezes vim que sou capaz de contar uma por uma todas as historias que vocês já ouviram.

— “Mas como é lá na Terra do Nunca?

— “Oh, uma terra linda, Wendy! Temos piratas terríveis num grande lago, temos alcateias de lobos famintos que percorrem a floresta e temos uma tribo de índios ferozes, os Peles Vermelhas, como são chamados. E temos ainda as sereias.

— “Sereias? repetiu Wendy batendo palmas. Com cauda?

— “Com cauda, escamas e tudo. Sereias iguazinhas a essas que você vê pintadas nos livros. Uma lindезa, Wendy!

Wendy não cabia em si de encantamento ante as maravilhas contadas por Peter Pan. Ele, porém, alegou que era tarde e tinha de ir-se embora.

— “Os meninos perdidos já devem estar inquietos com a minha ausência, e ansiosíssimos por ouvir o fim da historia que a senhora Darling contou hoje. Já sabem a primeira parte. Eu venho cá, ouço as historias ali da janela e depois conto-as a eles direitinho.

— “Não vá ainda! pediu Wendy. Eu sei mais de cem historias, cada qual mais bonita, e se você ficar eu as contarei todas. Fique.

— “Mais de cem historias? Oh, que mina! exclamou Peter Pan, batendo palmas. Nesse caso o melhor seria ir você comigo para a Terra do Nunca. Poderá contar todas essas historias aos meninos perdidos, poderá ainda remendar a roupa deles, pregar botões e de noite faze-los dormir — tudo como a senhora Darling faz aqui. Oh, Wendy, venha comigo...

A tentação era enorme. Visitar um país daqueles, com feras e piratas e índios ferozes e sereias, e ter ainda toda aquela meninada para brincar! Que bom não seria... Mas a menina vacilava.

— “Não posso, Peter Pan. Mamãe não o consentiria nunca. E alem disso, deve ser muito longe, essa terra.

— “Que importa que seja longe? Iremos voando, e para quem v^{oa} não ha distancias.

— “Voando? Mas eu não sei voar, Peter Pan! Que ideia...

— “Eu ensino, não seja essa a duvida. Em dois minutos deixo você voando que nem uma andorinha.

Aquilo era demais. Era ainda melhor do que ver sereias. Voar, voar... Wendy não pôde resistir á tentação e resolveu que iria. Em todo o caso, duvidou um pouco.

— “Já disse que ensino, assegurou Peter Pan com firmeza. Eu, quando digo, faço.

— “E ensina também ao Joãozinho e ao Miguel? Se formos para lá teremos de ir todos.

— “Ensino, sim, claro que ensino. Está resolvida? Vai mesmo?

— “Estou resolvida, vou! respondeu Wendy com firmeza — e pulando da cama foi acordar os seus irmãosinhos.

João Napoleão e Miguel sentaram-se na cama, esfregando os olhos, e logo que souberam do caso deram pulos de contentamento. Gostavam de piratas e sereias ainda mais que Wendy e portanto ficaram ainda mais assanhados. Queriam partir incontinenti.

— “Isso, não! disse Peter Pan. Vocês precisam, antes de mais nada, tomar umas lições de vôo.

— “E' facil voar? indagou Miguel.

— “E' assim — e Peter Pan deu uma demonstração, esvoaçando pelo quarto como se fosse uma borboleta.

Vendo a facilidade, os meninos tentaram fazer o mesmo. Subiram ás camas, ergueram os braços e atiraram-se. Mas foi só tombo. Esborracharam-se no tapete.

Peter Pan riu-se.

— “Não é assim, meninos. Eu tenho de soprar em vocês um pó magico, que certa fada me deu, e dizendo



isto sacou do bolso uma caixinha do pó mágico e soprou uma pitada no nariz de cada um ; depois mandou que experimentassem, que subissem ás camas, erguessem os braços e dessem outro pulo para o ar.

Os meninos experimentaram e com grande assombro viram que estavam leves como plumas e que podiam equilibrar-se no ar com a maior facilidade.

— “Estou que nem esses balõezinhos de borracha que mamãe enche de gás, disse Miguel. Estou sem peso nenhum ! e voou quasi tão bem como Peter Pan. Por falta de experiencia os tres voadores deram algumas cabeçadas no forro ; mas alguns minutos depois estavam que nem uma andorinha que havia ficado presa no quarto dois dias antes.

Vendo-os nesse ponto, Peter Pan achou que não era preciso mais. Poderiam partir.

— “Muito bem, disse ele. Podemos partir. Sininho seguirá na frente, para indicar o caminho. Em segundo lugar vou eu com Wendy. Depois vai João Napoleão e por ultimo, Miguel. Aprontem-se para partir.

Foi uma correria. João Napoleão queria levar uma porção de coisas, mas teve que desistir porque ficaria muito pesado. Miguel correu ao vestibulo da casa em busca

dum gorro e como não o encontrasse veio com uma cartola do senhor Darling na cabeça. Wendy resolveu ir como estava, de camisola mesmo.

— “Pronto? perguntou Peter Pan.

— “Pronto! responderam todos.

— “Então vamos lá. Um, dois e... tres!

Ouviu-se um *prrrrr*... e ergueram-se nos ares os quatro meninos, na ordem marcada pelo chefe e com a bola de fogo voando á frente para indicar o caminho. E lá se foram para a maravilhosa Terra do Nunca...



Justamente naquela hora a senhora Darling estava na sala de jantar contando ao marido a historia da sombra. O senhor Darling sorria.

— “Impossivel, querida. Isso ha de ser sonho. E’ um absurdo.

Nisto soou o *prrrrr*. . . Julgando que fosse alguma coruja que houvesse entrado na nursery, a senhora Darling correu para lá. Ao ver a janela aberta e as tres camas vazias, deu um grito e desmaiou.

Neste ponto dona Benta interrompeu a historia, deixando o resto para o dia seguinte. Todos gostaram muito daquele começo e Narizinho observou que as historias modernas são mais interessantes que as antigas.

— Estou notando isso, vóvó, disse ela. Nas historias antigas, de Grimm, Andersen, Perrault e outros, a coisa é sempre a mesma — um rei, uma rainha, um filho de rei, uma princesa, um urso que vira principe, uma fada. As historias modernas variam mais. Esta promete ser muito boa. Peter Pan está com jeito de ser um diabinho levado da breca.

Dona Benta concordou que sim.

— Eu só não entendo uma coisa, disse tia Nastacia. Como é que a tal senhora. . . como é mesmo?

— Darling.

— Isso. Não entendo como é que a senhora Darli foi deixar a janela aberta. Quarto de criança a gente não deixa de janela aberta nunca. Entra morego, entra coruja — e entram até esses diabinhos, como o tal Peter Pan.

— Boba! exclamou Emilia. Se ela não deixasse a janela aberta não podia haver essa historia. Se você fosse a mãe dos meninos deixava a janela fechada, não é? E que acontecia? Cortava a cabeça da historia já no começo.

— Estou desconfiado, disse Pedrinho, que o tal pó magico de Peter Pan era o nosso pó de Pirlimpimpim.

— E quem nos garante que o tal Peninha, que deu a você o pó de Pirlimpimpim, não seja esse mesmo Peter Pan? Aquela historia do Peninha ser invisível com certeza foi arteifice de Peter Pan para nos empulhar.

— Pode ser. Tudo pode ser, concordou Pedrinho, pensativo.

Houve um silencio. Cada qual pensava numa coisa. Tia Nastacia pensava na franga que teria de matar para o almoço do dia seguinte. Dona Benta pensava num remendo a fazer no paletó de Pedrinho. Pedrinho pensava num jeito de arranjar mais pó de Pirlimpimpim. Narizinho pensava num meio de fazer Peter Pan vir visitála no sitio. O visconde não pensava em coisa nenhuma. E Emilia?

Emilia saíra da sala pé ante pé sem que ninguém percebesse, e logo depois voltou com a tesoura de dona Benta na mão. E deu jeito de cortar a cabeça da sombra de tia Nastacia, que enrolou e foi guardar no fundo de uma gaveta.

Ninguém percebeu a manobra, mas quando chegou a hora de recolherem-se e tia Nastacia foi apagar o lampião :

— Ué! exclamou ella espantadissima, vendo projectar-se na parede a sua sombra sem cabeça. Que coisa, santo Deus! Será que perdi minha cabeça?

E apalpou-se para verificar se estava mesmo sem cabeça. Só então se lembrou da passagem contada por dona Benta, e viu que alguém lhe havia cortado a cabeça da sombra.

— Isso também é demais! gritou ella. É' judiação. Cortar a cabeça da sombra duma pobre negra velha que nunca fez mal nem a um mosquito... Mas quem foi o malvado?

Olhou para a cara de Pedrinho, de Narizinho, do visconde e da Emilia e não viu em nenhum deles o menor ar de criminoso. Emilia, sobretudo, estava com uma

carinha que era só botar num quadro e virava Santa Emilia — de tão inocente.

Dona Benta foi de opinião que aquilo só podia ser arteirice do Peninha, ou talvez do proprio Peter Pan que houvesse entrado na sala às escondidas, no momento em que todos estavam mais distraídos com a historia.

A boa negra arrenegou, e lá se foi para a cozinha com a sua sombra sem cabeça, a coisa mais esquisita e feia que se possa imaginar.

— A gente não tem sossego neste sitio, resmungava ela. Esses meninos endiabrados não param com as renações. Uma sombra que me acompanhava desde criança, tão direitinha, com cabeça e tudo — e está agora essa coisa esquisita, que nem aquela rainha dona Maria Antonieta que sinhá Benta contou que perdeu a cabeça na tal janela de guilhotina... Crédo!...



CAPITULO II

A TERRA DO NUNCA

NO outro dia, antes de dona Benta continuar a historia de Peter Pan, tia Nastacia apareceu com a sua sombra diminuida de mais um pedaço no hombro.

— Parece que é um rato que anda roendo a minha sombra, disse ela colocando-se entre o lampião de cima da mesa e a parede branquinha. Veja, sinhá, acrescentou apontando para a sombra projetada na parede. Está faltando mais um pedaço, bem no hombro. Neste andar eu acabo sem sombra nenhuma. Isto é uma desgraça.

— Não acho, disse Narizinho. Tanto faz você ter sombra como não ter. De que vale sombra?

— Parece, menina, parece que não vale nada, respondeu a negra. Mas o mundo é malvado, e se sabem que eu não tenho sombra são capazes até de me queimarem viva, como fizeram com a coitadinha da Joana do Arco.

— Joana Dare...

— Ou isso. O mundo dá cabo de toda a gente que não é igual a todos os outros. Dona Joana tinha olhos melhores que os do resto das gentes e porisso via mais coisas, tinha visões. Eles foram e queimaram a coitada. Se me enxergarem sem sombra são capazes de dizer que sou feiticeira. O mundo é mau, menina. Crédo...

— Isso não, gritou Emilia. O mundo persegue os que são *mais* que os outros, como essa Joana Dare, que enxergava mais; mas você é *menos*, porque tem menos sombra. Logo...

— Deixem de bobagens, disse dona Benta e vamos continuar a historia do menino que não queria crescer.

Todos se sentaram em redor dela e dona Benta começou :

— Essa Terra do Nunca, onde Peter Pan vivia com os meninos perdidos, era bem longe — e muito linda terra. Na frente havia uma grande floresta, que naquela estação do ano estava despida de todas as suas folhas e recoberta de neve branquinha. Nem para remedio era possivel encontrar uma só folha verde. Do lado direito havia um enorme lago, no qual boiavam pedaços de gelo, como ilhinhas flutuantes. Era nesse lago que navegavam os navios dos piratas. Do lado esquerdo ficava uma aldeia de Peles Vermelhas, isto é, indios norte americanos de nariz recurvo, cocar de penas na cabeça, cachimbo da paz na boca e sempre em atitudes calmas. Viviam em silencio e em descanso sempre, de cócaras, como os nossos caboclos do mato.

As casas desses indios eram em forma de tenda arabe.

— Eu sei, interrompeu Pedrinho. A tal tenda arabe tem a forma dum cartucho achatado, ou dum funil sem o bico.

— Pois é, confirmou dona Benta. Viviam nesses funis sem bico e em vez de cacique eram governados por uma india muito valente, de nome Pantera Branca.

— A senhora não disse o que havia nos fundos da Terra do Nunca, reclamou Pedrinho.

— Nos fundos ficava um deserto de neve que os lobos famintos percorriam em bandos uivantes. Pois bem: os meninos perdidos moravam perto dos indios, longe dos piratas e longissimo dos lobos famintos.

— Moravam como?

— Numa caverna subterranea, sem porta de entrada.

— E de que modo entravam na caverna?

— De um modo muito interessante. Em cima da caverna o chão era como ali no terreiro — liso, sem sinal



nenhum de caverna em baixo. Mas havia varias arvores de longe em longe, arvores ôcas, com raizes tambem ôcas. Cada menino era dono de uma arvore e entrava na caverna pelo respectivo ôco.

— Por que isso, vóvó, de cada um ter a sua arvore? Acho asneira.

— Havia uma razão muito importante. Tendo cada qual a sua arvore, um não atrapalhava o outro, quando eram atacados pelos piratas ou pelos lobos famintos. Sumiam-se todos a um tempo, cada qual pela sua entrada. Se não fosse assim, na precipitação da fuga dois ou tres eram capazes de se meterem pelo mesmo ôco, ficando entalados lá dentro. Não ha melhor defesa contra piratas e lobos do que arvores ôcas, que vão dar em cavernas subterraneas. Tomem nota disso.

Pedrinho tomou nota em seu caderno.

— Na noite em que começa esta historia, prosseguiu dona Benta, estavam os meninos perdidos a brincar na floresta, vestidos de pele por causa do grande frio. Um deles dansava uma valsa com um avestruz. De longe mais pareciam ursinhos do que gente.

— E quantos eram?

— Seis. O mais velho chamava-se Levemente-Estragado. Os outros chamavam-se Bieudo, Cachimbo, Assobio e, finalmente, Gmeo. Gmeo era o nome dado a dois meninos realmente gemeos e tão iguaizinhos que as mesmas roupas e o mesmo nome serviam para ambos.

— E como se distinguia um do outro?

— Não se distinguiam. Os demais lidavam com eles como se fosse um só.

— Eu sei, berrou Emilia. Com os livros é assim. Ha montes de livros tão iguais que tanto faz a gente pegar num como pegar noutro. A obra é a mesma.

— Pois é, disse dona Benta rindo-se da comparação da boneca. Os seis meninos perdidos eram esses tais, e naquela noite estiveram brincando até tarde, á espera de Peter Pan, que fôra á cidade ouvir o resto da historia da senhora Darling.

— Estiveram brincando de que? perguntou Pedrinho.

— De tudo, respondeu dona Benta. Os meninos ingleses são como vocês aqui; brincam de tudo. E um deles tinha um brinquedo muito original.

-- Qual deles?

-- Levemente-Estragado. Esse menino havia apanhado um avestruz fugido dum jardim zoologico, e o ensinara a dansar ao som duma flauta velha. Nada mais comico do que essas dansatas do avestruz, porque os avestruzes são os bichos mais desajeitados e deselegantes que existem.

Ficaram brincando até tarde, porque Peter Pan estava a demorar-se mais que do costume, e por fim começaram a ficar inquietos, com medo que lhe houvesse acontecido qualquer coisa. Subitamente ouviram um rumor ao longe. Seria ele? Bicudo colou o ouvido ao chão para ouvir melhor, como fazem os indios.

-- Ouço um barulho surdo de vozes horrendas, disse ele arregalando os olhos. Devem ser os piratas.

Foi agua na fervura. Os seis meninos sumiram-se pelos ôcos de suas arvores, como coelhos se somem nas tocas quando cachorro late perto.

Minutos depois appareceram os piratas, os terriveis piratas do lago. Que horrendas criaturas! O crime estava estampado na cara deles como numeros escritos com giz no quadro negro. Vinham comandados pelo famoso Capitão Gancho, o peor pirata que jamais existiu, tão malvado que não havia quem não tremesse de medo dele. Tinha olhos vermelhos de coisaruim e cada pestana deste tamanho! Barba arrepiada e suja de terra, andar de gorilha, cabelos cacheados e lustrosos de banha rançosa. Marchava na frente do bando, a cantar uma canção das mais feias, marcando o compasso com o gancho de ferro que lhe servia de mão.

-- Como é isso, vóvó? indagou a menina. Que historia de gancho de ferro é essa?

-- Muito simples. Esse famoso pirata havia perdido a mão direita numa guerra contra os meninos perdidos. Peter Pan dera-lhe tamanho golpe de espada que a mão

peluda pulou longe, indo cair no lago, justamente dentro da boca dum crocodilo. O crocodilo, *nhoc!* devorou o horrendo petiseo e gostou tanto que desde essa epoca não fez outra coisa senão andar peregrinando de terra em terra e de mar em mar para comer o *resto* da munheca, isto é, o Capitão Gancho inteirinho. Por esse motivo



o pirata tinha odio de morte a Peter Pan e aos meninos perdidos, havendo jurado mata-los a todos com a peor das mortes possiveis e imaginaveis.

— Qual é essa morte? indagou Emilia.

— Não sei, nem quero saber. Não gosto de horrores. Quem sabia era o Capitão Gancho, um diabo malvadissimo. Mas depois que ele perdeu a mão com a espadada de Peter Pan, mandou fazer uma manopla de ferro com dois ganchos na ponta. Enfiava o toco do braço nessa manopla, atava-a bem atada com tiras de couro e manejava o gancho como se fosse mão.

— Crédo! exclamou tia Nastacia. Imagine uma ganchada dessa mão...

— Devia ser terrível, confirmou dona Benta, porque esse pirata passou a meter mais medo depois de perder a mão do que antes. Menos para o crocodilo. Este monstro não tinha medo nenhum do Capitão Gancho e começou a persegui-lo por toda a parte. Tornou-se o azar da vida do pirata. O que valeu ao Capitão Gancho foi uma coisa que até parece mentira. Imaginem que o tal crocodilo também havia engulido um despertador que tinha corda por um ano e cujo *tic-tac* era muito forte. O *tic-tac* do despertador no estomago da féra fazia-se ouvir longe e servia de aviso ao Capitão, dando-lhe tempo de fugir com quantas pernas tinha.

Pois bem, assim que o bando de piratas chegou ao ponto da floresta onde, pouco antes, os meninos estavam brincando, o Capitão Gancho sentou-se num enorme chapéu-de-sapo que por ali crescia, bem por cima da morada subterranea. Sentou-se para descansar e ao mesmo tempo meditar sobre o meio de descobrir o esconderijo de Peter Pan e seu bandinho.

— “Com seiscentos bilhões de demonios! urrou ele. Não descansarei nunca, enquanto não agarrar esse raio de menino.

O chefe dos piratas era especialista em pragas. Possuía a maior coleção de pragas da Inglaterra, e talvez da Europa inteira, na opinião de muitos. E todas as suas pragas começavam por seiscentos bilhões. Não fazia nenhuma por menos.

Emilia interrompeu dona Benta nesse ponto.

— Por que é que os marinheiros gostam tanto de pragas? perguntou ela. Sempre que numa historia apparece um cachorro do mar...

— Lobo do mar, corrigiu dona Benta. Os velhos marinheiros são chamados lobos do mar.

— Dá na mesma, insistiu Emilia. Eu quero dizer cachorro do mar e tenho minhas razões. Mas sempre que aparece um desses cachorros do mar, vem logo praga, e de milhões. Com trezentos milhões de caravelas! Com seiscentos milhões de baleias! E' milhão que não acaba mais.

— Sim, disse dona Benta, mas repare que é sempre praga de milhões apenas. Só esse Capitão Gancho usava as tais pragas de bilhões, e porisso ficou terrível. Um bilhão compõe-se de cem milhões. Ora, quando ele praguejava com seiscentos bilhões de demonios, como fez em relação a Peter Pan, esse numero queria dizer seiscentas centenas de milhões, ou seiscentos montes de cem milhões cada um. Eu até creio que ele não era forte em aritmetica, pois é impossivel que haja tantos demonios assim.

— Crédo! exclamou tia Nastacia persignando-se. Um demonio já deixa a gente tonta, como aquele Lucifer que fez a revolução dos anjos lá no ceu e foi jogado no inferno. Imaginem agora seiscentos montes de não sei quantos cada um. Crédo...

— Continue, vóvó, pediu Narizinho. O Capitão Gancho sentou-se no chapéu-de-sapo e depois?

— Sentou-se e logo deu um pulo, porque o tal chapéu-de-sapo estava quente como chapa de fogão. Furioso da vida, ele pregou um tremendo pontapé no coitado, fazendo-o voar dali com um som metalico. Aquele som abriu os olhos do pirata.

— “Hum! exclamou ele, percebendo que não era chapéu-de-sapo natural e sim uma ponta de



chaminé que saia de dentro da terra e tinha a fôrma de chapéu-de-sapo. Oitocentos bilhões de diabos me assem vivo em todos os fogos do inferno, se isto não é arteirice do senhor Peter Pan e mais os seus meninos perdidos! Descobri tudo! Eles moram aqui em baixo, nalguma caverna subterranea.

Disse e pôs-se a examinar o terreno, dando pancadas no solo com o nó dos dedos, como fazem os medicos para examinar o pulmão dos doentes. O som era de terra ôca em baixo. O chefe dos piratas ficou radiante. Tinha descoberto o esconderijo dos meninos e agora iria caçalos como se caçam ratos. Pôs-se a examinar o terreno. Viu que não havia entrada nenhuma afóra os ôcos das arvores. Tentou entrar por um deles (justamente o ôco de Bicudo) e entalou. Não cabia. Ficou danado, espirrou mais alguns bilhões de demonios e teve uma ideia sinistra.

— “Achei o meio! exclamou. Mando preparar um grande pão-de-ló bem bonito por fóra e bem cheio de veneno por dentro. Ponho o pão-de-ló ali naquela pedra e vou ficar espiando de longe. Os meninos perdidos não têm mães para lhes ensinar o que devem e o que não devem comer, de modo que logo saem da caverna e se lançam sobre o doce como lobos famintos — e eu terei o gosto de vê-los morrer a peor das mortes.

Em seguida deu uma ordem ao tenente do bando.

— “Olá, Capacete! Diga ao cozinheiro que prepare um pão-de-ló bem grande e bem bonito e que ponha dentro...

Não pôde terminar. Um *tic-tac* muito seu conhecido fez-se ouvir perto.

— “O crocodilo! berrou o chefe dos piratas, disparando na fuga a todo galope, seguido pelo bando inteiro — e logo se sumiram no horizonte dentro duma nuvem de pó. O crocodilo, *tic-tac, tic-tac*, os acompanhou sem



pressa nenhuma, filosofando que se daquela vez não o havia apanhado, de outra o apanharia.

— A senhora falou em nuvem de poeira, vóvó. Mas a floresta não estava coberta de neve? indagou Narizinho.

— Sim, minha filha. Mas a neve logo que cai acumula-se solta como farinha. Se dá o vento, vóa como poeira. Ora, os piratas fugiram *ventando*, como diz tia

Nastacia quando a carreira é séria, e portanto levantavam nuvens de neve em pó.

— E que aconteceu depois? quis saber Pedrinho.

— Pelo tropel, os meninos lá em baixo perceberam que os piratas haviam fugido e trataram de sair do subterrâneo. Foram subindo pelos ôcos, e ao chegarem á superfície viram que os Peles Vermelhas estavam na pista dos piratas.



— Que historia é essa, vóvó? Então os indios eram inimigos dos piratas?

— Eram aliados de Peter Pan e inimigos do Capitão Gancho, contra o qual andavam em guerra feroz.

O modo de esses indios fazerem guerra merece ser contado. Eles trepavam nas arvores para espiar ao longe, com a mão sobre os olhos em fôrma de viseira e applicavam o ouvido sobre a terra para ouvirem os rumores distantes. Caminhavam de rastos, como cobras, escondendo-se atrás de cada tóco de pau ou moita. Levavam arcos e flechas e tambem um tam-tam, que entre os indios é o tambor da vitoria. Infelizmente era muito raro ouvir-se o som do tam-tam, porque os Peles Vermelhas sempre saiam derrotados e fugiam como lebres.

Mas os meninos logo que puseram as cabeças fóra dos ôcos viram só o fim da correria. Em minutos a poeira levantada pelos piratas em fuga e pelos indios perseguidores desapareceu no horizonte.

— Que expressão bonita! exclamou Emilia. *Desapareceu no horizonte!*... Acho uma beleza em tudo quanto desaparece no horizonte. Inda hei de escrever uma historia cheia de desaparecimentos no horizonte, com tres pontinhos no fim...

E a boneca ficou absorta, de olhos pendurados no horizonte, enquanto dona Benta, a rir-se, continuava a historia.

— Passaram os piratas, disse ela. Passaram depois os indios. Só faltava passar o bando de lobos famintos, que habitualmente acompanham os guerreiros para comer os mortos.

— E vieram os lobos nesse dia?

— Como não? Logo depois surgiram os lobos no horizonte; mas farejando a gatinha de Peter Pan fóra do subterraneo, desistiram de seguir os guerreiros e vieram como flechas devorar os meninos.

Peter Pan, entretanto, já havia descoberto o melhor meio de assustar lobo faminto. Consiste em sair ao encontro deles de costas, com a cabeça entre as pernas. Os lobos entreparam, desnorteados, não podendo compreender que especie de animal é aquela, e depois fogem com maior velocidade ainda do que a do Capitão Gancho ao ouvir o *tic-tac* de crocodilo.

Assim que os lobos famintos chegaram a uma certa distancia, os seis meninos, guiados por Bicudo, correram-lhes ao encontro de costas, com a cabeça entre as pernas. Foi uma beleza! Os lobos entrepararam uns segundos e em seguida voltaram-se nos pés e sumiram-se dentro da floresta.

Ora graças! Os meninos perdidos podiam afinal brincar sossegadamente de pegador ou chicote queimado á luz do lindo luar que estava fazendo. Mas não brincaram, porque Cachimbo lhes chamou a atenção para qualquer coisa que vira no ceu.

— “Olhem! Lá vem voando para o nosso lado uma especie de passaro branco bem grande...”

Todos ergueram o nariz e arregalaram os olhos. Não podiam compreender que passaro era aquele. Não parecia garça, nem outra qualquer ave conhecida. Subito, uma bola de fogo riscou o ar, vindo descer bem no meio deles. Era a fada Sininho.

— “Peter Pan manda dizer, declarou ela nervosamente na sua linguagem do *tlin, tlin, tlin*, que é preciso matar quanto antes essa ave que vem vindo.

Cachimbo, o melhor atirador do grupo, desceu imediatamente ao subterraneo, donde voltou com um arco e uma flecha. Ajustou a flecha ao arco, fez pontaria, esticou a corda e — *zuqt!* A flecha lá se foi assobiando e deu certinha no alvo. A ave branca vacilou no vôo, cambaleou, descreveu um parafuso e veio cair junto ao grupo. Todos correram para apanha-la.

— “Não é ave! exclamaram cheios de surpresa. E’ uma linda menina de camisola branca. Talvez seja a tal mãezinha que Peter Pan vive prometendo trazer-nos.

Era Wendy, que se havia adiantado dos demais durante o vôo. A fada Sininho tinha cometido aquela traição porque estava a roer-se de ciumes. Gostava de Peter Pan e não podia suportar as atenções e requebrados do menino para com sua nova conhecida. Daí lhe veio a ideia de fazer que ela fosse flechada por um dos meninos.

Nisto chegou Peter Pan, seguido de João Napoleão e Miguel. Assim que pôs o pé em terra, foi logo indagando :

— “Onde está Wendy?

Ao saber que Wendy havia sido flechada, teve um grande acesso de colera e passou mão do arco para também flechar Cachimbo no coração. E flechava mesmo, se não fosse Wendy despertar do desmaio ainda a tempo de impedir tamanho crime.

Wendy não havia sido ferida, porque a flecha batera justamente no botão-beijo que Peter Pan lhe havia dado. Só sentiu o choque da flecha, e como já estivesse cansada e tonta de tanto voar, bastou isso para faze-la perder os sentidos e cair.

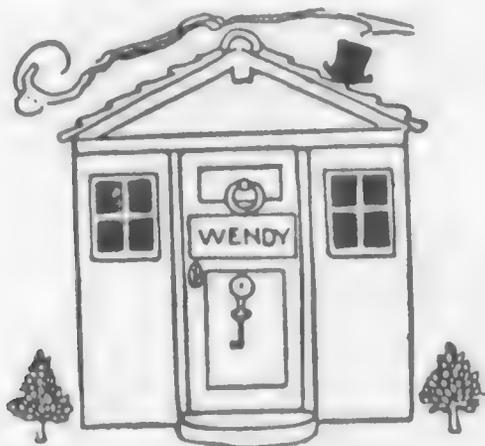
Vendo que ela estava vivinha, os meninos a rodearam na maior alegria, embora sem saber o que fazer. Levar Wendy para a morada subterranea não lhes parecia bem.



Deixa-la por ali ao relento, era peor. O unico remedio seria construir para ela uma casinha bem ajeitada. Estavam a discutir esse ponto quando Wendy começou a cantar uma cantiga com versos de pés quebrados, assim:

Uma casinha quero ter,
Que menor não haja no mundo ;
Terreiro bem limpo na frente,
Jardim de mil flores no fundo.

— “Pronto! Já sabemos o que ela quer! exclamaram os meninos em côro. Vamos fazer a casinha de Wendy, com jardim de mil flores ao fundo.



E foi uma lufa-lufa. Bicudo correu a cortar paus na floresta; Cachimbo desceu ao subterraneo em procura duma velha grade muito ajeitada para a armação do teto; Assobio foi em busca dum pedaço de tapete velho e dum rolo de encerado.

Num instante ficou pronta a casinha. Peter Pan observou que haviam esquecido a chaminé. Onde já se viu casa sem chaminé? Correu os olhos em torno em

procura e os deteve em Miguel, que tinha na cabeça a cartola de seu pai.

— Ótimo! gritou Peter Pan tomando a cartola. Melhor chaminé que esta não é possível — e arrumou-a em cima do tecto.

E tudo mais foi assim. O material de construção mais empregado era o “fazimento de conta”. Não tem fechadura na porta? Faz de conta que esta fivela é fechadura. Não tem cadeira? Faz de conta que esta pedra é cadeira.

Wendy não precisou entrar na casinha, porque a casinha havia sido construída em redor dela — e foi a primeira vez no mundo que semelhante coisa aconteceu.

Pronta a casa com a dona dentro, Peter Pan veio e bateu á porta — *tóc, toc, toc*. Wendy surgiu á janela e perguntou quem era.

— “São os meninos perdidos que desejam saber se a menina está disposta a ser a mãezinha deles. Nunca tiveram mãe e querem experimentar se é bom.

— “Com muito gosto, respondeu Wendy. Serei mãe de todos, contarei histórias á noite, remendarei as roupas de dia, agradarei aos que chorarem e ralharei com os que fizerem coisas inconvenientes — tudo igualzinho como mamãe faz lá em casa. Mas só serei mãe se Peter Pan quiser ser o pai.

Todos bateram palmas, numa grande alegria. Iam ter mãe, afinal. Iam ter quem lhes contasse histórias — que maravilha!

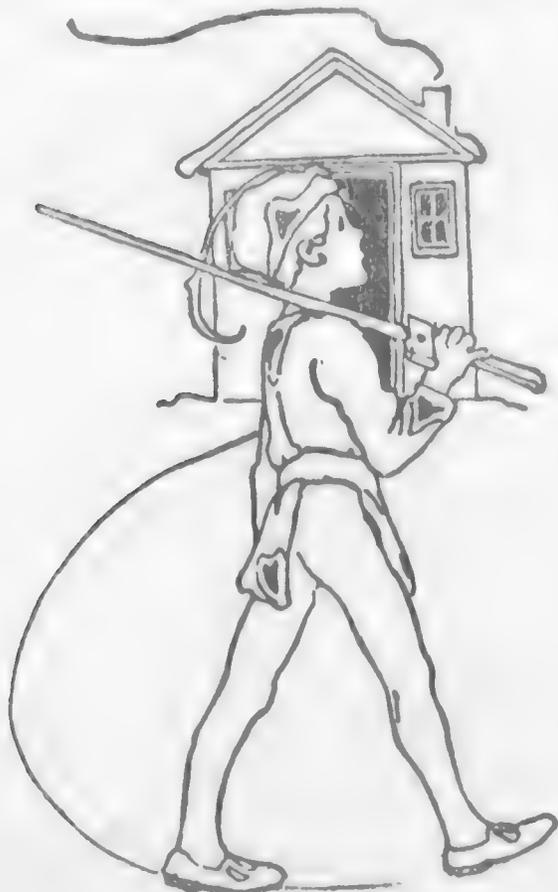
— “História! História! exclamaram. Para começar, conte já uma linda história — e os meninos foram entrando para a casinha, em atropelo. Era incrível que lá coubessem todos, mas couberam. Para isso foi preciso que se arrumassem com a habilidade e o jeito com que as sardinhas se arrumam dentro das latas.

Logo que todos se acomodaram, Wendy começou assim: “Era uma vez uma pobre menina chamada Cin-

derela" — e foi por aí além até que o sono tomasse conta de toda a sua filharada.

Tudo dormiu. Dormiu a floresta o seu sono agitado de morecos, pios de coruja e uivos de lobo. Dormiu o crocodilo, lá longe. Dormiram os piratas; e os índios, vendo o inimigo a dormir, deixaram a perseguição para o dia seguinte e dormiram também.

Só não dormiu Peter Pan. Passou toda a noite fóra, de espada na mão, montando guarda á casinha da linda mãe que tinha arranjado para os meninos perdidos.



Dona Benta parou nesse ponto, achando que o melhor era também ir dormir.

— Pronto, disse ela. O resto fica para amanhã. Agora é cada qual ir para sua cama sonhar com o Capitão Gancho e o crocodilo.

— Crédo! exclamou tia Nastacia, erguendo-se. Eu quero sonhar com dona Wendy, que é tão galantinha. Mas com esse canhoto malvado, Deus me livre.

Pedrinho deu um suspiro. Estava lamentando não haver fugido para a Terra do Nunca no dia em que nasceu. Narizinho também suspirou. Quanto não daria para ser Wendy Darling?

Só Emilia não suspirou, nem disse nada. Saiu dali muito quieta e foi mexer na caixa de ferramentas de Pedrinho. Dona Benta encontrou-a lá, lidando para entortar um prego.

— Que é que você está fazendo, Emilia?

— Estou vendo se faço uma munheca de gancho como a do Capitão Gancho.

— E para que, bobinha?

— Para assustar tia Nastacia. Quero ganchar aquele beirão dela...



CAPITULO III

A LAGOA DAS SEREIAS

NA terceira noite tia Nastacia appareceu na sala ainda mais desapontada do que na vespera. O que estava acontecendo com a sua pobre sombra era simplesmente monstruoso.

— Veja, sinhá, disse ela para dona Benta, collocando-se entre a parede e o lampião, de modo a tornar a sombra bem visivel. Veja, sinhá, como está toda rendadinha a minha sombra. O ladrão, que hontem me cortou a cabeça dela e um pedaço do hombro, acaba hoje de cortar uma porção de outros pedacinhos.

Realmente assim era. O resto da sombra da pobre negra estava cheio de buracos feitos a tesoura.

— E' um misterio que não consigo decifrar, disse dona Benta sacudindo a cabeça. O visconde, que é um grande sherlock, bem que podia tomar conta deste caso. Fale com ele.

Tia Nastacia conferenciou com o visconde, obtendo do grande detective a promessa de "investigar".

— Deixe a coisa comigo, disse ele. Já resolvi aquele celebre caso do falso gato Felix e posso muito bem resolver este caso do ladrão de sombras. Deixe a coisa comigo.

Liquidado o incidente, dona Benta retomou a historia de Peter Pan no ponto em que a tinha deixado na vespera.

— Onde estavamos, mesmo? perguntou ao sentar-se em sua cadeira de pernas serradas.

— Os meninos perdidos haviam construido a casinha de Wendy e todos dormiram dentro dela, menos Peter Pan, que ficou de guarda, lembrou Narizinho.

— Sim, é isso mesmo, confirmou dona Benta. Dormiram na casinha a primeira noite e depois outras. Durante toda uma semana os meninos não se afastaram dali. Estavam encantados com a mãezinha que Peter Pan lhes arranajara e Wendy estava igualmente encantada com os seus seis filhos. A felicidade naquele acampamento seria completa, se não fosse a tristeza em que havia caído a fada Sininho. Vivia sempre emburrada, escondida pelos cantos, sem coragem de falar com Peter Pan.

Mas tudo cansa. Ao fim da primeira semana Wendy mostrou vontade de sair a passeio pela floresta, ou algum outro lugar.

— “Poderemos ir á Lagoa das Sereias, propos Peter Pan. A nossa Terra do Nunca não possui unicamente coisas terríveis, como os piratas e os lobos famintos. Esse Lago das Sereias é lindo, lindo.

A ideia foi recebida com entusiasmo. Wendy e seus irmãozinhos só conheciam sereias de livros de figura. Sereias de verdade, com cauda de peixe e escamas, bem vivas e perigosas, nunca haviam visto nenhuma, por não ser criatura enconstravel no jardim zoologico de Londres. Havia lá de tudo — hipopotamos, rinocerontes, leões, tigres, girafas, serpentes, ursos, focas — mas sereia, nenhuma.

— “Vamos, vamos ver as sereias! gritaram todos na maior alegria.

Num minuto fizeram-se os necessarios preparativos e lá se foram todos. Depois de longa viagem avistaram o grande lago verde-mar, em cujo fundo existia o palacio encantado das sereias. Ás vezes todas elas subiam á tona para se pentearem ao sol, espalhadas pelos rochedos. Outras vezes só se via por ali uma ou outra. Quando os meninos chegaram á beira d’agua só viram uma.

— “Que beleza! exclamou Wendy, enlevada. Tal qual uma que vem pintada no meu livro de capa azul. Vejam como as escamas brilham ao sol! Parecem de prata...

Peter Pan



...dansava uma valsa com um avestruz.

(Pag. 40)

Era na verdade uma das mais lindas sereias do bando. Tinha os cabelos cor de ouro e de bronze misturados, com reflexos verdes. Estava reclinada sobre um rochedo e corria um pente de ouro pelos cabelos maravilhosos enquanto cantava.



— E era lindo esse canto? indagou Narizinho.

— Oh, nem queira saber! disse dona Benta. Ninguém pode dar ideia da beleza do canto das sereias. Só ouvindo. Tão diferente do canto das criaturas humanas que é até perigoso de ser ouvido. Grandes desgraças

têm acontecido no mar aos marinheiros que ouviram tais cantos.

— E' verdade, vóvó, que os marinheiros antigamente entupiam os ouvidos com chumaços de algodão sempre que viam uma sereia? perguntou Pedrinho.

— Deve ser. Não fazendo isso, esse canto maravilhoso deixa os marinheiros embriagados e eles erram todas as manobras do navio, puxam esta corda em vez daquela, botam garrafas de vinho no anzol em vez de iscas — atrapalham tudo, tudo. Resultado: o navio perde o rumo, dá com o bico numa pedra e afunda.

Os meninos perdidos tinham muita vontade de apañhar uma sereia viva, coisa quasi impossivel por serem espertas demais. Não ha lambari arisco que tenha a ligeireza duma sereia. Eles já haviam tentado varias vezes e agora iam tentar novamente.

— Como?

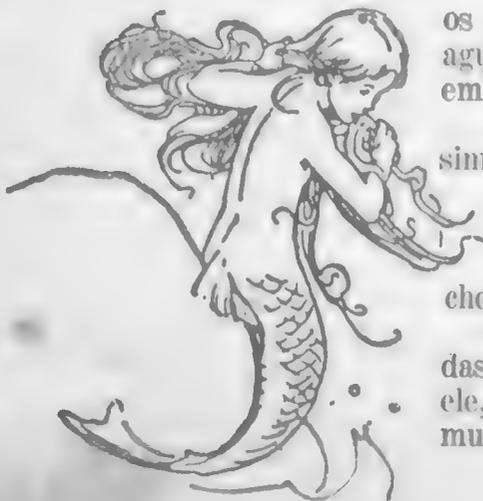
— O meio era um só — meterem-se n'agua de jeito que a sereia não os visse e fecharem o cerco. Assim fizeram. Meteram-se todos n'agua e foram nadando sem fazer o menor barulhinho, até que...

— Pegaram? indagou Narizinho, ansiosa.

— Pegaram, nada! A sereia os percebeu e soltou um grito agudo: *Mortais!* mergulhando em seguida.

Ficaram todos desapontadissimos e Miguel chegou a fazer cara de choro. Se não chorou de verdade foi porque Bieudo avistou outra sereia num rochedo mais adiante.

— "Lá está uma sereia-menina, das faceis de pegar! cochichou ele, apontando. Temos que ir com muitas cautelas.



Era uma sereiazinha das mais lindas que a gente possa imaginar. Teria aí seus sete anos de idade, já sabia pentear-se com o seu pentinho de ouro e já começava a cantar as primeiras cantigas. Tão distraída estava, a seguir os movimentos dum caranguejo na pedra,



que deixou os meninos se aproximarem até bem perto. Miguel, que vinha na frente, não se conteve e — zás! — deu um pulo em cima dela.

— Pegou? quis saber Narizinho, ansiosíssima.

— Desta vez pegou, respondeu dona Benta — mas não a segurou bem. As sereias são as criaturas mais lisas que existem, dez vezes mais que o sabão, de modo que

a sereiazinha escorregou das unhas de Miguel e lá se foi para o fundo, tal qual a primeira.

— Que pena, vóvó! exclamou Narizinho. Todas as historias de sereias acabam sempre assim. Quando chega a hora de agarrar uma, acontece isto ou aquilo e elas escapam...

— Hei de fazer uma historia diferente, declarou Emilia. Uma historia onde todas as sereias sejam agarradas e amarradas e trazidas para a cidade dentro dum caminhão.

— Pois você errará, Emilia, se escrever uma historia assim, disse dona Benta. Alem de ser uma judiação arrancar do seu elemento criaturas tão lindas, essa pesca e essa trazida para a cidade em caminhão viria destruir a beleza e o misterio das sereias. Sabe o que acontecia? Os jornais davam o retrato delas impresso em tinta preta (nos livros elas aparecem em lindas pinturas de côres macias); os sabios de oculos vinham estudá-las, isto é, abri-las com as suas facas chamadas bisturis para ver o que tinham dentro, e mil outros horrores. Não, Emilia. É melhor que ninguem nunca pegue uma sereia — nem você, tão pouco. Na sua historinha, agarre a sereia, mas faça que ela escape no momento de entrar para o caminhão. Ficará muito mais poetica a sua historinha, garantido.

— Crédo! disse tia Nastacia. Os homens são tão malvados que até eram capaz de picar as coitadas em pedaços, para vender nos açougues lombo de sereia, entrecosto de sereia, rabo de sereia, miolo de sereia...

— Continue, vóvó, pediu Pedrinho. A sereiazinha escapou e...

— E sumiu-se no fundo d'agua, indo avisar ás outras; de modo que naquele dia não houve mais sereias na superficie do lago.

— E os meninos voltaram para a casinha de Wendy...

— Não. Em vez de sereia apareceu ao longe um bote. Os piratas do Capitão Gancho, que haviam ancorado o seu navio a uns quilómetros dali, agora vinham vindo de bote para o lado dos pegadores de sereias.

O perigo era grande e a meninada tratou de voltar para a praia quanto antes. O meio era um só — nadar, e pois lançaram-se á agua e nadaram para terra sem sequer volver os olhos para trás. Só Peter Pan se animou a fazer isso. Olhou e viu que Pantera Branca, a chefe dos indios Peles Vermelhas, vinha de pé na prôa do bote, amarrada com cordas.

Peter Pan franziu a testa. Fazia assim sempre que tinha de resolver um problema urgente. Parece que com o tal franzimento de testa ele expremia o cerebro para que espirrasse dele alguma boa ideia. “Já sei, murmurou para si mesmo logo que desfranziu a testa. Os piratas derrotaram os indios e aprisionaram Pantera Branca, e agora vão abandona-la num rochedo, para que morra afogada pela maré.

Peter Pan tinha adivinhado. O bote dirigia-se para o rochedo onde estivera a sereia grande, com ordem do Capitão Gancho para largar ali a india, bem amarrada com grossas cordas.

— “Mas isso não pode ser! pensou consigo Peter Pan. Preciso salvar a pobre criatura, custe o que custar. Pantera Branca é nossa aliada e nossa amiga. Franziu de novo a testa e imediatamente espirrou de dentro do seu cerebro outra ideia muito boa.

— Qual foi? perguntou Pedrinho.

— Ele não disse, mas pelo que fez a gente adivinha. Peter Pan esperou atrás dum rochedo que o bote passasse perto, e em seguida mergulhou na agua e foi nadando até ficar bem debaixo da popa. Botou então a cabeça fóra d’agua e gritou em voz que imitava perfeitamente a voz de bebedo do Capitão Gancho :

— “Com seiscentos bilhões de caravelas, cortem já as cordas dessa india e soltem-na !

Os piratas estranharam semelhante ordem, pois era absurdo soltar, assim sem mais nem menos, uma inimiga que lhes custara tanto prender. Mas ordens do Capitão Gancho eram ordens ; ninguém as discutia, sob pena de levar terríveis ganchadas no nariz. Não estavam vendo o chefe, mas a voz era dele. Nada mais lhes restava senão obedecer — e portanto cortaram as cordas da india e disseram-lhe : “Está livre. Faça o que quiser”.

— E que é que ela quis ? perguntou Emilia.

— Pantera Branca só quis uma coisa : ver-se bem longe daquela gente, e por conseguinte lançou-se á agua e foi nadando, melhor que um peixe, para onde estavam os meninos, lá na praia. Nisto Peter Pan notou que alguém vinha se dirigindo a nado para o bote dos piratas. Era o Capitão Gancho, que havia ficado sozinho no navio para contar um saco de moedas de ouro. Terminara o serviço e agora nadava a toda velocidade para ter o gosto de assistir á morte da pobre india.

— Estou imaginando a cara dele ao dar com o bote vazio ! disse Pedrinho.

— Realmente. Quando chegou e soube do acontecido, encheu-se da maior colera da sua vida e avançou para os piratas para gancha-los a todos sem dó nem piedade. Eles, porém, não estiveram por isso, e atirando-se á agua fugiram ainda mais rapidos que a india.

Sozinho no bote, o Capitão Gancho tomou os remos e virou a prôa para terra, vogando na direção onde via os meninos e a india. Sua ideia era recapturar Pantera Branca, aproveitando-se do extremo cansaço em que, depois de tantos padecimentos ela, devia estar.

Peter Pan, que já havia alcançado a praia, compreendeu o perigo. A india exausta mal podia consigo e fa-

talmente iria de novo cair nas unhas do chefe dos piratas. O remedio era enfrentar o Capitão Gancho, atacando-se com ele em luta corpo a corpo.

— Gosto dum menino assim! disse Narizinho entusiasmada. Não tem medo de coisa nenhuma. Isso é que é.



Pedrinho olhou-a com o rabo dos olhos, como se tais palavras fossem alguma indireta para ele. Mas não eram.

— O pirata afinal chegou á praia, disse dona Benta e imediatamente Peter Pan o atacou. A luta foi medonha. Se o Capitão tinha mais força que seis Peter Pans reunidos, em compensação Peter Pan tinha mais

agilidade do que seis Ganchos. Essa desigualdade tornava as forças bem equilibradas.

Lutaram, lutaram muito tempo, ora na praia, ora dentro d'água, e por fim sobre o rochedo mais próximo. Era luta a unhas, a pontapés, a socos na cara, a dentadas e cabeçadas. Por fim o pirata, já de língua de fóra de tão cansado, compreendeu que era impossível vencer o terrível menino, e sem a menor vergonha fugiu. Saltou para o bote e fugiu! Era a segunda vez que Peter Pan o derrotava em luta corpo a corpo. Ficou todo arranhado, mas vitorioso e glorioso.

— “Viva Peter Pan! gritou uma voz no rochedo. O menino voltou-se. Era Wendy. Em vez de acompanhar os outros, que tinham corrido para longe dali, ela havia ficado para acompanhar de perto a luta.

— “Wendy, Wendy! gritou ele aflito. Sabe que está correndo o maior dos perigos? A maré já começa a crescer, e como você não escora nadar até á praia, corre o perigo de morrer afogada.

A situação era sem duvida das mais sérias. Peter Pan franziu de novo a testa. Precisava descobrir um meio de salvar a querida mãezinha dos meninos perdidos antes que a maré subisse a ponto de engulir o rochedo com ela e tudo. Bote não havia. Carrega-la nas costas era perigoso, porque estava tão cansado da luta que mal podia consigo. Que fazer? Olhou para a direita, olhou para a esquerda, olhou para baixo, olhou para cima. Acertou em olhar para cima. Viu um enorme papagaio de papel que voava lá bem alto, com um rabo de tira de pano que tocava a superfície das águas.

Teve uma ideia. Agarrar o rabo do papagaio e amarra-lo á cintura da menina. Deu jeito e assim fez. Amarrrou o rabo do papagaio á cintura de Wendy e esperou. Instantes depois o vento cresceu; o papagaio subiu mais alto, esticou o rabo — e Wendy lá se foi pelos ares...

— “Adeus, Wendy! Adeus! gritava Peter Pan enquanto ela subia, subia...

Estava salva a menina. Peter Pan tinha agora de salvar-se a si proprio. Outro papagaio não havia. Ficar ali por mais tempo era perigoso, porque a maré já ia bem alta e breve enguliria o rochedo. Em nadar ele nem pensava, porque o cansaço da luta o tinha deixado bambo.



Que fazer? Olhou para todos os lados em procura de salvação. Subito, viu ao longe um grande ninho de ave aquatica, que fôra arrancado pelo vento e lançado á agua. Vinha boiando, como uma barquinha redonda. A ave estava dentro, aninhada sobre os ovos.

— “Viva! exclamou Peter Pan batendo palmas. Eu não poderia ter coisa melhor. Barco e almoço de ovos ao mesmo tempo!...

Esperou mais um pouco; logo que o ninho chegou a algumas braçadas do rochedo, lançou-se á agua e com

esforço nadou até ele. Espantou a ave com tres berros e lhe tomou o lugar em cima dos ovos.

— Que engraçado! exclamou Emilia. Vão ver que, em vez de comer os ovos, Peter Pan chocou os ovos e chegou á casinha de Wendy com uma ninhada de pintos aquaticos.

— Ele não pensou nisso, declarou dona Benta. Tra-tou mas foi de tirar a camisa e fazer uma vela muito boa. O vento deu na vela e foi levando a estranha embarca-ção para o ponto onde estavam os meninos e a india. Meia hora depois Peter Pan lá chegava, são e salvo.

Foi recebido com uma gritaria infernal, de entusias-mo, não só pela surra que déra no Capitão Gancho, como pela habilidade com que salvara Wendy e tambem a si proprio.

— “Viva! Viva Peter Pan! gritavam todos, pulando e batendo palmas. Viva o menino que não tem medo de nada!

Todos abraçaram-se, beijaram-se e disseram-se mil coisas. Pantera Branca narrou a triste historia do com-bate em que seus indios foram derrotados pelos piratas. Wendy contou a historia do seu vôo amarrada ao rabo do papagaio, e de como conseguira agarrar-se a uma arvore perto daquele ponto. Os outros nada contaram, porque nada haviam feito.

A grande aventura do Lago das Sercias tinha acaba-do muito bem. Só havia neste ou naquele um ou ou-tro arranhão — isto sem contar os seis riscos de gan-chadas que Wendy descobriu nas costas de Peter Pan.

— “Vamos depressa para casa, disse a menina affli-ta. Preciso preparar um remedio para essas machuca-duras.

Dona Benta interrompeu a historia nesse ponto, di-zendo que o resto ficaria para o dia seguinte.

Começaram os comentarios.

— Só não gostei duma coisa, disse Emilia. Peter Pan não devia ter deixado os ovos no ninho. Se eu fosse ele, levava-os para chocar na casinha.

— Chocar omelete? disse tia Nastacia. Aposto que os ovos ficaram numa pasta! Onde já se viu um menino como aquele viajar dentro dum ninho sem quebrar os ovos todos? O contador da historia nunca foi cozinheiro e porisso não entende de ovos. Mas eu, que sou cozinheira, sei muito bem o que aconteceu. Virou tudo omelete...

O visconde nada disse. Andava de olhinho aceso, examinando as poeirinhas do chão e "deduzindo". O que ele queria saber era uma coisa só: qual o rato que roia a sombra da negra...



CAPITULO IV

A MORADA SUBTERRANEA

NO outro dia, assim que tia Nastacia acendeu o lampião da sala de jantar, o caso da sombra veio novamente á berlinda. A negra collocou-se entre a luz e a parede e todos puderam ver que sua sombra havia diminuido um bom pedaço mais.

— Veja, sinhá, dizia ela com o beijo pendurado. Estou só com um toco de sombra. Neste andar acabo sem sombra nenhuma e vai ser uma grande desgraça!

Dona Benta pôs os oculos e viu que era isso mesmo.

— O visconde, perguntou ela, ainda não descobriu coisa nenhuma?

— Estou na pista, respondeu o pequeno sherlock. Já examinei cuidadosamente o córte e vi que foi feito com tesoura. Ando agora a examinar o fio de todas as tesouras que existem nesta casa. Pela comparação hei de descobrir com que tesoura o “rato” anda cortando esta sombra — e depois...

— E depois o que? perguntou Emilia com carinha de santa.

— Depois, veremos.

Emilia fez um muxoxo e deu uma cuspidinha de lado, de desprezo.

— Vamos! Comece vóvó! pediu Narizinho. Estou ansiosa pelo resto da historia.

Dona Benta sentou-se na sua cadeira de pernas serradas e começou:

— Pois muito que bem. Os meninos voltaram daquela grande aventura no Lago das Sereias com alguns arranhões, que Wendy tratou de curar como pôde, com um ótimo unguento “faz de conta”. Todos sararam e a

vidinha continuou muito feliz na casa de Wendy e na caverna subterranea que a menina arrumara na perfeição.

Essa caverna era uma gruta natural que as aguas haviam escavado na pedra, isso talvez no começo do mundo. Tão velha, que tinha barbas brancas no tétó — ou estalactites.

— Que vem a ser isso? perguntou Pedrinho.

Dona Benta explicou que em muitas cavernas as aguas das chuvas se coam na camada de terra que ha em cima e pingam do tétó. Ao atravessarem a camada de terra essas aguas dissolvem certos calcarios e, ao pingarem, esses calcarios dissolvidos endurecem outra vez. E, com o andar do tempo, formam-se compridas estalactites, que são penduricalhos que descem do tétó das cavernas até o chão.

Acontece tambem se formarem no chão, nos pontos onde a agua pinga, endurecimentos do mesmo genero, que se chamam estalagmites. As estalactites descem do tétó para o chão e as estalagmites sobem do chão para o tétó, até se encontrarem.

Dada a explicação, dona Benta continuou :

— Naquelas estalactites os meninos penduravam mil coisas — cestos de apanhar peixe, anzóis, varas, porungas e brinquedos construidos por eles proprios. Bem no centro da caverna existia uma lareira.

— Que é lareira, vóvó? perguntou Narizinho.

— Aqui no Brasil temos o clima quente ou temperado e porisso não se usam lareiras nas casas. Nos países frios, porém, não existe quem não saiba o que é lareira, porque não existe casa sem lareira. E' o lugar de fazer fogo para o aquecimento da casa. Entre nós, e em todos os países quentes, fogo só ha na cozinha, para cozinhar. Nos países frios, alem desse fogo da cozinha ha o fogo para aquecer a casa. Mas isso unicamente nos países atrasados. Nos países adiantados, em vez da velha la-

reira existe um sistema de canos de agua quente que percorrem todos os quartos e salas e os mantêm na temperatura que se deseja.

— Basta, vóvó, disse a menina. Continue.

— Pois é como eu ia dizendo, continuou ela. Wendy deixou a caverna um brinco de asseio e ordem. Arranjou para os meninos uma cama larga e macia onde todos se arrumavam muito bem. Tambem arranjou um berço para o Miguel. Miguel não estava mais em idade de berço, mas Wendy era de opinião que não pode existir casa sem berço, e como ele fosse o mais criança, teve de representar o papel de bebê. Esse berço não passava duma das cestas de apanhar peixe, arrumada entre duas estalactites.

Wendy não esqueceu nem sequer da sua terrível inimiga Sininho. Arranjou para ela, num canto, um quarto de boneca, fechado com cortinas vermelhas e cheio de lindas coisas minuscultas, proprias para uma fada daquele tamanhinho.

Cadeiras não havia na gruta, mas havia bancos feitos de chapeus-de-sapo, um para cada menino. Wendy e Peter Pan usavam uma poltrona especial, feita de duas enormes cabaças recortadas com muito jeito. Ali se sentavam juntinhos, como fazem os papais e as mães que se querem bem.

Certo sabado á noite estavam todos muito ansiosos á espera de Peter Pan, que saíra pela manhã numa expedição cinegetica.

— Páre aí, vóvó! berrou Pedrinho. Essa palavra esquisita me deixou tonto. Que vem a ser isso?

— Coisa muito simples, respondeu dona Benta. Cinegetico quer dizer relativo a caçada. Expedição cinegetica significa o mesmo que caçada.

— Mas se é tão simples dizer caçada, por que vem a senhora com essa terrível complicação? observou Pedrinho, que era inimigo de palavras dificeis.

Peter Pan



Ali se sentavam juntinhos...

(Pag. 72)



— Para você perguntar e eu ter ocasião de ensinar uma palavra nova que ninguém aqui sabe. Neste mundo, Pedrinho, precisamos conhecer a linguagem das gentes simples e também a linguagem dos pedantes — senão os pedantes nos embrulham. Você já aprendeu o que é cinegetico e se em qualquer tempo algum sabio da Grecia quiser tapear você com um *cinegetico*, em vez de abrir a boca, como um bobo, você já pode dar uma risadinha de sabidão.

— Vou aplicar este cinegetico já e já, disse o menino, entusiasmado.

Tia Nastacia, que saira para ferver a agua do chá, vinha entrando.

— Sabe, tia Nastacia, que amanhã vou fazer uma expedição cinegetica?

A palavra tonteou a negra, fazendo-a piscar tres vezes.

— Cine, o que?

— Getica, concluiu Pedrinho. Ci-ne-ge-ti-ca!...

Tia Nastacia arregalou os olhos, sem perceber coisa nenhuma. Depois, voltando-se para dona Benta, disse:

— Não deixe ele ir, sinhá. Não sei o que isso é, mas coisa boa não ha de ser. Não deixe, sinhá.

Todos se riram da pobre preta.

— Vê, Pedrinho, como é bom saber? Essa mesma cara de espanto você faria, se ouvisse tal palavra antes da minha explicação. Já agora, em vez de ser bobeadado, você bobecia os outros. Está compreendendo a grande vantagem de saber?

— Chega de gramatica, vóvó, protestou a menina. Vamos á historia. Os meninos estavam á espera de Peter Pan. E depois?

— Pois é. Os meninos estavam á espera de Peter Pan, que saira á caça, e em cima da morada subterranea Pantera Branca e seus indios montavam guarda.

Subito, ouviu-se um assobio agudo. Era o sinal de Peter Pan. De longe já ele anunciava a sua chegada com aquele assobio agudissimo. Pantera Branca foi ao seu encontro, enquanto os meninos subiam ás arvores para vê-lo chegar.

Cada vez que Peter Pan vinha duma das suas excursões, era uma festa entre a meninada. Como bom pai, ele sempre trazia novidades gostosas nos bolsos — frutas do mato, doces, mil coisas. Os meninos o rodeavam como ratos rodeiam um saco de milho, e cada qual ia enfiando as mãos nos seus bolsos para pescar o que saísse.

Peter Pan entrou na caverna e dirigiu-se para o lado de Wendy, naquele momento ocupada em remendar umas meias de Levemente-Estragado. Estava linda no seu vestido côr de outono, com um galhinho de amora do mato nos cabelos.

Peter Pan contou as novidades de lá fóra e pediu noticia de tudo quanto havia acontecido na caverna durante a sua ausencia. Depois cantou uma cantiga que Wendy achava a coisa mais linda do mundo — mas só quando cantada por ele. Se outro qualquer a cantava, perdia completamente a graça.

Enquanto Peter Pan cantava, os meninos brincavam de guerra. As armas eram os travesseiros e o campo de batalha era a cama grande. O resultado da luta foi o mesmo de sempre: penas por toda a parte (os travesseiros eram de pena) e um trabalhão para Wendy no dia seguinte.



O meio da menina fazer parar aquelas lutas destruidoras consistia em anunciar uma historia nova. Todos sossegavam imediatamente, como por encanto. Vinham sentar-se em redor dela, guardando silencio profundo, e assim ficavam até que o sono os derrubasse.



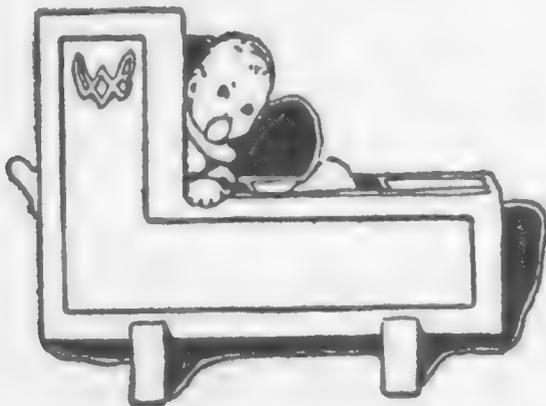
A historia daquela noite foi inventada por Wendy, que já havia esgotado o sortimento das que tinha ouvido de sua mamãe. Era a historia dum casal cujos tres filhos resolveram fugir de casa durante certa noite de inverno. Os pobres pais haviam caído na mais profunda tristeza e nunca mais fecharam as janelas do quarto dos meninos fujões, na esperança de que por ali mesmo voltassem um dia.

PETER PAN

— “Não, Wendy, não é assim, disse Peter Pan com ar de certeza. A janela não está aberta á espera de que os tres meninos voltem. Está fechada porque ha um novo bêbê lá no quarto.

Wendy levou um grande susto. Seria possivel que fosse como Peter Pan estava dizendo?

— “Por que diz isso, Peter? Esteve lá? Viu alguma coisa?



— “Não estive, nem vi, mas imagino, porque foi assim que se deu na casa dos meus pais. Depois que de lá fugi, fui um dia espiar o meu quarto pela janela. A janela estava fechadissima, e dentro, talvez no meu proprio berço, chorava um novo bêbê . . .

Por que foi ele dizer aquilo? Wendy e os irmãozinhos ficaram na maior inquietação, apavorados com a ideia de novos bêbês dormindo nas suas camas, brincando com os seus brinquedos, ouvindo as historias que eles costumavam ouvir e recebendo os beijos que eles costumavam receber. Oh, isso era horrivel!

Wendy resolveu voltar para casa imediatamente.

Quando declarou essa resolução, a tristeza foi geral. Os meninos perdidos a rodearam, com mil pedidos para

PETER PAN

que não os abandonasse. Tinham-se acostumado a ter mãe e não suportariam a antiga vida de orfãos.

— “Quem está falando em abandonar vocês? respondeu Wendy. Vão todos comigo, está claro, e toda a vida moraremos juntos, lá em casa.

Os meninos perdidos, felizes como passarinhos, deram saltos de alegria. Que bom! Que bom! Que bom! Iam ter uma verdadeira mãe, grande e perfeita, como era a senhora Darling. Iam viver numa casa linda e andar como todos os meninos da cidade andam.

— “Viva! Viva Wendy! gritaram.

Só Peter Pan resistiu á tentação. Sentia imensamente perder Wendy e seus irmãozinhos, mas não podia admitir a ideia de voltar ao mundo donde fugira logo ao nascer — o horrível mundo onde os meninos crescem e viram homenzarrões bigodudos e feios. Jamais faria isso. Jamais desertaria a Terra do Nunca — a terra onde os meninos não crescem. Os outros que fossem. Ele ficaria sozinho.

Combinado assim, começaram todos a aprontar-se, na maior balburdia e gritaria. Cada qual fez a sua trouxinha, pondo nela os brinquedos e as lembranças mais queridas. Bicudo levou um morego seco, que desejava mostrar para a senhora Darling.

— Crédo! exclamou tia Nastacia, fazendo cara de horror. Essa ideia só mesmo dum Bicudo. Morego seco, vejam só...

— Antes morego seco que morego vivo, disse Emilia. Eu tenho medo das coisas vivas porque mordem; mas das secas, não. E Levemente-Estragado, que é que levou, Dona Benta?

— Não sei. O livro não diz. Mas com certeza levou uma bobagem do mesmo naipe — um rato seco, por exemplo. Todas as crianças se impressionam muito com bichos secos. Pedrinho, quando contava apenas quatro anos de idade, apareceu-me um dia na sala de jantar

com um horrendo gato seco, que empestou a casa inteira. Lembra-se, Pedrinho?

Tia Nastacia lembrava-se muito bem, mas o menino não.

— Continue, vóvó, pediu Narizinho.

— Depois de arranjados os presentes para a senhora Darling, Wendy despediu-se de Peter Pan. Abraçou-o e disse, com os olhos humidos de lagrimas:

— “Minha ultima recomendação é que você não deixe de tomar o seu remedio na hora certa. Veja lá, hein?”

Referia-se a um remedio que Peter Pan estava tomando para curar-se das terriveis ganchadas do Capitão Gancho.

Iam partir. Nisto lhes chegou aos ouvidos um barulho lá fóra, bem em cima da caverna subterranea. Que seria? Os meninos ficaram imoveis, á escuta. Barulho de guerra. Ouvia-se distintamente o choque das armas, o assobio das flechas, o rumor dos tombos, os gritos dos machucados. Peter Pan compreendeu logo que os piratas haviam assaltado os indios de surpresa.

— “Se os Peles Vermelhas sairem vencedores, não deixarão de tocar o tam-tam, disse ele — e ficaram todos atentos, á espera do toque do tam-tam, sinal de vitoria entre os indios.

A batalha não durou muito tempo. Como de costume, os Peles Vermelhas foram completamente derrotados, fugindo como lebres. Mas dentro do subterraneo os meninos não podiam saber disso, de modo que continuaram de ouvidos atentos, á espera do tam-tam.

Afugentados os indios, o Capitão Gancho resolveu aproveitar-se da oportunidade para dar cabo dos meninos naquele mesmo dia. Ele tinha estado uma porção de tempo a escutar pelo chapeu-de-sapo que servia de chaminé (Peter Pan havia construido um outro para substituir o que fôra destruido pelo pontapé do pirata), e pôde ouvir uma boa parte da conversa dos meninos, inclusive o pedaço em que Peter Pan falou do tam-tam.

— “Muito bem, disse consigo o chefe dos piratas. Eles estão á espera do toque do tam-tam, que é o sinal de vitoria dos indios. Ora, estes fugiram e deixaram o tam-tam aqui. Que faço eu? Toco o tam-tam. Os bobinhos lá dentro pensam que Pantera Branca venceu e saem pelos ôcos — e eu os apanho todos um por um. Otimo!

O Capitão Ganeho assim pensou e assim fez. Tocou o tam-tam — *tam-tam, tam-tam...*



Assim que aquele amado som chegou aos ouvidos dos meninos, a alegria foi imensa. Puseram-se a pular e a dansar, porque era a primeira vez que os seus aliados indios venciam os terriveis piratas.

— “Hurra! gritaram todos. Os indios venceram, afinal! Podemos sair sem perigo nenhum, e cada qual tomou caminho do seu ôco e foi marinhando por ele acima!

O Capitão Ganeho havia postado tres piratas na boca de cada ôco, de modo que os meninos eram caçados um por um, logo que punham a cabeça de fóra. Agarravam-n’os, e amordaçavam-n’os, para que os gritos não dessem aviso aos outros. Tão bem feito saiu aquele servicinho que Peter Pan, lá dentro, de nada desconfiou. Ficou certo de que a meninada lá se ia para Londres, muito em paz, conduzida pela bola de fogo.



Peter Pan estava profundamente triste. Subito, lançou-se á cama, com a cara escondida nas mãos. Dizem que chorou, mas não ha certeza disso.

— Ele então não chorava? perguntou Narizinho.

— Não, nunca chorou, salvo, talvez, nesse dia — mas não ha certeza. Peter Pan considerava o choro como fraqueza propria de mulher.

— Eu queria esfregar cebola nos olhos dele para ver se chorava ou não, disse Emilia. Já notei que cebola “comove” mais as gentes do que a historia mais triste que possa haver. E depois?

— Depois deixou-se ficar na cama, com a cara escondida no travesseiro. Enquanto isso o Capitão Gancho,

lá em cima, impacientava-se com a demora dele. Havia apanhado todos os meninos, menos justamente o principal.

— “Querem ver que ainda desta vez o raio do tal menino me escapa? murmurou Gancho consigo.

Por fim, vendo que Peter Pan não saia mesmo, o chefe dos piratas pensou, pensou, pensou, para ver se lhe ocorria uma ideia que valesse a pena. Estudou a situação. Entrar pelo ôco, impossível. As aberturas eram muito estreitas para um cavalão da sua marca. Porta para arrambar não existia. Que fazer? O Capitão Gancho coçava a cabeça, indeciso.

Lembrou-se de espiar pela chaminé. Dava jeito. Viu o menino estirado na cama e, num caixão, á sua cabeceira, o vidro de remedio que Wendy pusera ali.

— “Já sei! exclamou o bandido, iluminado por uma ideia infernal. Derramo umas gotas de veneno naquele vidro e pronto! Ótima lembrança.

Assim fez. Por meio dum canudinho enfiado pela chaminé, achou jeito de pingar dentro do vidro de remedio (que estava desarrolhado) seis gotas do peor veneno que existe. Em seguida retirou-se, tomando caminho do seu navio, muito contente da vida, a esfregar as mãos.

— Como? inquiriu Emilia. Se ele só tinha uma, como poderia esfregar *as mãos*?

— Isto é um modo de falar, explicou dona Benta. Quando queremos dizer que Fulano saiu muito contente, costumamos usar dessa expressão — “saiu esfregando as mãos”, embora o tal Fulano nem mãos tenha. São modos de dizer.

— Continue, vóvó. Não perca tempo com esta boba, disse Narizinho.

— Pois é. O Capitão Gancho envenenou o remedio de Peter Pan e lá se foi para o seu navio, muito contente da vida. Foi certo de que o menino tomaria o remedio e morreria a peor das mortes.

Peter Pan, sozinho na caverna subterranea, não conseguia dormir. Pensamentos tristes esvoaçavam pela sua cabeça, como moreegos. Fechava os olhos com toda a força, contava até mil — e nada. Nada do sono chegar. De repente, viu uma claridade. Era a fada Sininho que chegava, mas tão aflita que vinha atrapalhando os *tlins-tlins* todos.

— “Que ha, Sininho? perguntou ele, erguendo-se da cama.

A bola de fogo narrou a grande desgraça acontecida aos meninos, que estavam naquele momento encarcerados no escuro e sujissimo porão do navio dos piratas.

Peter Pan, num pulo de tigre, correu ao rebolo para amolar as suas armas. Deixou a espada que nem navalha e fez no seu punhal de guerra uma ponta fina como a das agulhas. Estava ocupado nisso quando notou que bola de fogo principiava a empalidecer. Assustou-se.

— “Que é que você tem, Sininho? perguntou ele, inquieto — e quasi nem pôde ouvir a resposta, de tão fracos que soavam os *tlins-tlins* da pequenina fada.

Sininho estava morrendo. Percebera que o remedio de Peter Pan tinha sido envenenado e o bebera, com a ideia de o salvar. Sacrificara-se por ele, a coitadinha.

— Por que? Não entendo, disse Narizinho.

— Sininho havia refletido que se o avisasse de que o remedio estava envenenado, Peter Pan não acreditaria, supondo que Sininho não queria que ele bebesse o remedio só por ter sido preparado por Wendy. E resolveu então beber o remedio antes que ele o tomasse.

Ao ver que a sua querida fada se ia extinguindo, Peter Pan sentiu uma dor infinita. Perder Sininho era-lhe peor do que perder a propria vida. Precisava salvá-la, custasse o que custasse. Mas como?

Peter Pan franziu a testa com toda a força e teve imediatamente uma grande ideia. Subiu pelo ôco e lá, fóra,

trepou á arvore mais alta. E hem de cima gritou para o mundo, com toda a força dos pulmões :

— “Quem acreditar em fadas, que bata palmas até não poder mais ! E’ esse o unico meio de salvar a minha Sininho ! . . .

Tão sincero e sentido foi aquele grito, que todas as crianças da terra o ouviram — e milhões e milhões de palmas ressoaram pelo mundo afóra. Uma barulhada de atordoar a gente . . .

— E o resultado ? perguntou Narizinho, ansiosa.

— Foi otimo, um verdadeiro milagre. A luz de Sininho começou a brilhar de novo e os *tlins-tlins* tornaram-se ainda mais fortes do que antes. Sininho estava salva!

Assim que a viu completamente boa, Peter Pan deu o maior suspiro de alivio de toda a sua vida.

— “Agora, toca a salvar os outros ! disse ele em seguida — e tomando as armas afiadissimas lá se foi em companhia de Sininho ao encontro dos piratas raptos.

— E depois ? indagou Pedrinho.

— Depois, cama. Já são nove horas. Para a cama todos ! Amanhã veremos o que aconteceu.

Pedrinho danou.

— E’ sempre assim. As historias são sempre interrompidas nos pontos mais interessantes. Chega até a ser uma judiação . . .



CAPITULO V

O NAVIO DOS PIRATAS

NO outro dia tia Nastacia apareceu com o beijo ainda mais caído, porque a sua sombra continuava a desaparecer. Colocou-se entre o lampião e a parede e disse para dona Benta :

— Veja, sinhá. Só resta um tiquinho...

— E o visconde, que diz a isso?

— O visconde promete pegar o ladrão de sombra, como pegou o gato, mas ainda está “estudando”, como diz ele.

Emilia, que andava de ponta com o visconde, meteu o bedelho.

— No caso do gato Felix ele descobriu tudo porque eu ajudei. Se eu não tivesse arrancado aquele fio do bigode do gato ladrão, queria ver! Esses tais detectives são uns grandes palermas...

— Sonso ele é, disse tia Nastacia. Mas a cabecinha dele pensa tão certo que até dá inveja na gente. Vocês vão ver como ele descobre o ladrão.

O visconde, que estava escondido debaixo da mesa, tudo ouvindo e observando, notou o torcimento de nariz da Emilia. E desde esse momento começou a desconfiar que a criminosa fosse ela.

Dona Benta sentou-se e dispôs-se a continuar a historia.

— Onde ficamos hontem? perguntou.

— Peter Pan havia saído da caverna para salvar os outros, disse Pedrinho.

— Sim, é isso. Peter Pan dirigiu-se para o navio dos piratas. Oh, era horrendamente feio esse navio! Feio e velho, de velas sujas e cordas sebatas, com um

mau cheiro horrível. Chamava-se a *Hiena dos Mares* — e era mesmo uma hiena em forma de navio. Hiena vocês sabem o que é.

— Sei, disse Pedrinho. E' um animal da familia dos Hienidias, muito feio, cabeçudo, peludo, que só anda de noite e come carniça. Animal da Africa e da Asia. O urubú das feras.

Dona Benta aprovou a ciencia do menino e prosseguiu.

— Pois tinha esse nome o navio do Capitão Gancheo. No mastro principal flutuava uma bandeira vermelha, com uma caveira negra sobre dois ossos cruzados em forma de X.

Para esse horrível navio tinham sido levados os pequenos prisioneiros, e chegados lá foram arremessados com toda a brutalidade ao porão, onde havia mais ratos nojentos do que ha estrelas no ceu. Enquanto os coitadinhos tremiam de pavor no porão escuro, o chefe dos piratas passeava pelo tombadilho, muito satisfeito consigo mesmo por haver num só dia derrotado os indios e aprisionado os meninos. De repente parou para perguntar a Capacete:

— “Estão os prisioneiros bem acorrentados, de modo que não possam fugir?”

— “Sim, Capitão.

— “Nesse caso, traga-os cá para cima, ordenou ele, tomando assento numa velha cadeira de braços, que lhe servia de trono.

Os meninos foram conduzidos á sua presença, acorrentados dois a dois. O Capitão encarou-os com ar feroz e declarou que seis deles iam ser lançados ao mar com uma pedra ao pescoço, e que dois ficariam no navio como grumetes, a fim de virar piratas.

— “Você aí do centro, disse ele referindo-se a João Napoleão. Você tem bom jeito para grumete. Que tal a ideia de ficar comigo neste navio?”

João, que havia lido muitas historias de piratas e gostava de aventuras no mar, ficou logo seduzido com a perspectiva. Adiantou-se e disse:

— “Se eu ficar você me dá o nome de Jack, o Mão-Peluda?”

O Capitão Gancho riu-se da lembrança e respondeu que sim.

— “Nesse caso, fico! declarou João Napoleão, com os olhos a faiscarem de entusiasmo.

O chefe dos piratas fez a mesma pergunta a Miguel, o qual, em vez de responder, aproximou-se dele e, sem medo nenhum, bateu-lhe no hombro, dizendo:

— “Depende do nome que você me der.

— “Joe, o Barbanegra! Gosta?”

Miguel gostou e declarou que ficava. Mas quando ele e João Napoleão souberam que para ser pirata a primeira coisa que tinham a fazer seria jurar guerra e odio ao rei, gritando: “Morra o rei da Inglaterra!” ambos desistiram da ideia. Como bons inglezinhos, conservavam-se leais ao seu soberano.

O Capitão Gancho ficou furioso e declarou que nesse caso teriam de morrer como os demais, afogados com pedras ao pescoço. Em seguida ordenou que trouxessem á sua presença a mãe daqueles meninos.

Wendy foi trazida de rastos e deixada sozinha em frente do terrível chefe de piratas. Apesar do terror que esse monstro lhe inspirava, a menina soube dominar-se e não fazer má figura. O Capitão Gancho perguntou-lhe se tinha alguma recomendação a fazer aos filhos, dos quais ia separar-se para sempre. Wendy voltou-se para os meninos e falou deste modo:

— “Já que vocês têm de morrer nas mãos destes bandidos, que morram como verdadeiros herois. E’ isto o que as suas verdadeiras mães diriam se estivessem no meu lugar. Viva o rei da Inglaterra!”

— “Viva! Viva! gritaram todos os meninos, como se fossem um só.

Dar vivas ao rei da Inglaterra nas fuças do Capitão Gancho era o maior atrevimento do seculo. O chefe dos piratas espumou de colera, e ordenou que amarrassem Wendy ao mastro grande, donde teria de assistir á morte de todos os meninos, um por um. Assim foi feito e a corajosa menina lá ficou, que nem uma Joana Darc, no seu vestidinho côr de ouro velho e de chale ao pescoço.

Ia começar a matança. Os piratas trouxeram as pedras de afogar prisioneiros. O Capitão Gancho sorria com ar de delicias. Para aquele monstro, o maior prazer da vida era ver afogar prisioneiros.

Subito, o seu sorriso diabolico transformou-se em careta de terror. Um famoso *tic-tac*, muito seu conhecido, soara perto.

— “O crocodilo! exclamou ele, dando um pulo e indo esconder-se no fim do navio, atrás duma pilha de cordas. Os demais piratas para lá também correram, cercando o chefe com uma muralha de corpos. Os meninos, de respiração suspensa, ficaram á espera de ver o crocodilo surgir.

Mas não surgiu crocodilo nenhum. Em vez da féra apareceu na beira do navio a carinha de Peter Pan. Fez aos meninos sinal de bico calado e entrou á moda dos indios, agachado, de jeito que os piratas nada vissem. Trazia atravessado na boca o seu terrivel punhal e na mão direita, um despertador. O *tic-tac* que tanto apavorara o Capitão Gancho não era do crocodilo...

Peter Pan esgueirou-se pelo chão, feito cobra, e penetrou numa cabina, dentro da qual se fechou.

Tendo cessado de ouvir o *tic-tac*, o Capitão Gancho virou valente outra vez. Voltou ao trono, dando ordem para que se começasse a matança dos prisioneiros.

— “Vamos, comecem! gritou ele.

A resposta foi um *coricóco* de galo dentro da cabina. O chefe dos piratas empalideceu. Não podia compreender o que fosse aquilo, pois nunca existira galo nenhum a bordo da *Hiena do Mar*.

— “Capacete, vá ver o que ha na cabina, ordenou ele.



Capacete foi. Entrou na cabina e não saiu mais. Vendo que Capacete não reaparecia, o Capitão Gancho, muito palido, ordenou que outro pirata fosse ver do que se tratava. Esse segundo pirata, porém, tomou-se de tanto medo que em vez de obedecer lançou-se ao mar e foi nadando para terra.

— “Covardes ! berrou o Capitão Gancho. Têm medo ? Pois vou eu mesmo, para mostrar o que é coragem, e tomando uma lanterna dirigiu-se para a misteriosa cabina.

Entrou, mas incontinenti voltou atrás, dum salto.

— “Uma coisa assoprou e apagou a minha lanterna ! Deve ser uma abantesma, ou qualquer monstro dessa laia. O melhor é lançarmos os prisioneiros contra ela. Serão devorados e nós economizaremos as nossas pedras de afogar. Vamos ! Empurrem a meninada para a cabina da abantesma !

Era justamente o que os meninos queriam ; mas não deram sinal disso, bem ao contrario — resistiram, fingindo grande medo, e só entraram na cabina á força.

Os piratas são em regra muito supersticiosos. Acreditam em quanta bobagem ha. Uma das suas crendices é que mulher traz desgraça para navio. Por isso juntaram-se em conferencia para resolver o que fariam de Wendy. Enquanto conferenciavam na pôpa, Peter Pan saiu da cabina sem ser visto, foi ao mastro, soltou a menina e colocou-se em seu lugar, bem disfarçado com o chalinho ao pescoço.

Depois de muito discutirem, os piratas resolveram lançar ao mar a mulherzinha que estava atrapalhando a vida de bordo.

— “Muito bem ! exclamou o Capitão Gancho, fechando a discussão. Assim seja. Lancem-na ao mar ! Acabem logo com a vida dessa criatura que nos está trazendo desgraças.

Varios piratas dirigiram-se para o mastro a fim de cumprir a ordem do chefe. Parando diante daquele vultinho meio embuçado no chale disseram, com voz de escarneo :

— “Chegou sua hora, menina. Nada no mundo poderá salva-la.

— “E’ o que parece! gritou Peter Pan, arrancando o chale e espetando a espada no peito do pirata mais proximo. Depois soltou um grito de guerra: “Por Wendy e pelo Rei! Avança, menina!”

Foi uma coisa espantosa. Os meninos saíram da cabina armados com as melhores armas existentes no navio, e caíram em cima dos piratas como um bando de



vespas colericas. Os pobres piratas não sabiam o que pensar, pois estavam certos de que a abantesma já os havia devorado a todos. Foram tomados de panico. Uns jogavam-se ao mar; outros tapavam os olhos com a mão; outros, mais corajosos, resistiam.

— “Ninguem ataque o Capitão Gancho! berrava Peter Pan. Esse é meu só.

Travou-se medonha luta. Embora fossem mais fortes que os meninos, os piratas eram vencidos pela agili-

dade deles — e um a um foram sendo postos fóra de combate, ou forçados a jogarem-se ao mar. Ao cabo de alguns minutos só ficou em campo o Capitão Gancho, sempre atracado com Peter Pan.

Foi a luta mais bonita que ainda se viu no mundo. Peter Pan parecia um demoninho. Saltava como gato selvagem e dansava na frente do pirata, fazendo-o errar todos os botes da sua mão de gancho. E enquanto isso, tome lá um pontapé na barriga, tome lá uma cotucada no nariz, tome lá mais um galo na testa!

A agilidade de Peter Pan fazia que ele não perdesse um só golpe e evitasse todos os golpes arremessados pelo pirata. O Capitão Gancho estava já de lingua de fóra, como cachorro cansado. Suava em bicas, um suor muito fedorento. Tinha mais arranhões pelo corpo e galos pela testa do que cabelos na cabeça. Em certo momento deteve-se, apavorado, e gritou:

— “Será que estou lutando contra um demonio? Peter Pan, diga-me, quem é você?”

Peter Pan, como um galinho novo que sacode as asas ao nascer do sol, respondeu com um grito de atrear os ares:

— “Eu sou a Juventude! Sou a alegria da vida! Sou eterno e invencível!”

E zás, zás, zás, apertou o velho capitão numa tal roda viva de golpes que ele foi recuando, recuando, recuando até que chegou na beiradinha do navio e...

— *Tchibum!* Caiu n’agua, completou Emilia.

— Não. Caiu mas foi bem dentro da goela do crocodilo. O paciente animal tinha ouvido o barulho da luta e aproximara-se de mansinho, ficando rente ao navio, de boca aberta, á espera do *resto* da mão. E desse modo devorou para sempre o famoso chefe de piratas, com gancho e tudo...

— Bravos! exclamou Pedrinho. Eu sabia que ia suceder isso. Menino protegido pelas fadas acaba sempre vencendo. . .

Tia Nastacia arregalou os olhos.

— Crédo! disse ela. Imaginem um menino desses aqui no sitio! Era até capaz de serrar o chifre do rinoceronte. Crédo! . . .



CAPITULO VI

A VOLTA

NO dia seguinte, á hora de acender o lampião, o visconde appareceu, todo cheio de si, e disse :

— Descobri tudo. Descobri o ladrão, ou a ladrona da sombra de tia Nastacia. Aposto que ella hoje está sem sombra nenhuma.

— Quem é? Quem foi? indagaram todos.

O visconde olhou para Emilia, que estava de labios apertados e olhinho duro. Quis dizer que era ella, mas não teve coragem. Por fim, como dona Benta insistisse, não teve remedio.

— E' a senhora dona Emilia, a ladrona da sombra! declarou elle, corajosamente.

Foi um espanto geral. Todos se voltaram para a boneca, que apenas sorriu com superioridade e respondeu com uma pergunta.

— Dona Benta, disse ella, explique ao visconde o que é roubar.

— Roubar é tirar uma coisa que pertence a outra pessoa sem authorização dessa pessoa, ensinou dona Benta.

— Muito bem, exclamou Emilia. Mas se a coisa roubada continua no poder da dona, alguém pode afirmar que houve roubo?

— Não, está claro que não. Mas que tem isso com o caso?

— Muita coisa, replicou Emilia — e voltando-se para tia Nastacia: — Acenda o lampião e veja se está mesmo roubada.

Tia Nastacia acendeu o lampião e, com grande surpresa, viu que sua sombra se projetava inteirinha na parede, como antigamente.

Todos arregalaram os olhos.

— Vejam que sherlock das duzias é o tal senhor visconde! gritou Emilia, dando uma risada ironica. Acusou-me de ter furtado uma coisa que não foi furtada! A sombra de tia Nastacia está direitinha como sempre foi.

Era a pura verdade. Todos se aproximaram da parede para examinar o estranho caso. Viram que de fato a sombra fôra cortada em numerosos pedaços, mas que havia sido remendada de novo. As costuras estavam visíveis.

— Bom, disse dona Benta. Desde que a sombra voltou, não vale a pena insistirmos nisso, mas Emilia que não repita a brincadeira. A sombra grudou muito bem. Mas se não grudasse? Se a pobre tia Nastacia ficasse aleijada para toda a vida? Não e não. Basta de tais renações. Com sombra a gente não brinca.

Em seguida tomou assento em sua cadeira de pernas serradas e anunciou o fim da historia de Peter Pan e Wendy.

— Depois da derrota do capitão Gancheo, disse ela, os outros piratas levaram a breca, isto é, morreram afogados. Só se salvaram dois, um de nome Sme e outro de nome Starkey.

Sme era um pirata irlandês, não tão ruim como os outros; conseguiu nadar até a praia, salvou-se e acabou marinheiro, muito bem comportado, num navio de guerra inglês.

— E Starkey?

— Starkey nunca havia derramado sangue humano, apesar de ser um grande patife. A sorte o poupou. Foi



aprisionado pelos Peles Vermelhas e posto lá na tribo como ama seca dos indiozinhos. Para pirata não podia haver castigo maior.

— E na casa dos pais dos meninos?

— Lá foi uma tristeza sem conta, como vocês podem imaginar. O senhor Darling, como castigo de não ter posto mais tento nos meninos, resolveu viver na casinha da cachorra Nana, como se fosse cachorro. Todos os

dias, depois de voltar do escritorio, ia deitar-se lá e até fazia *au! au!* Era um homem muito esquisito — ou “excentrico”, como dizem os ingleses.



— Excentrico quer dizer esquisito? indagou Pedrinho.

— Excentrico quer dizer fóra do centro. Aplicado ás pessoas quer dizer que uma pessoa é um tanto fóra do comum, um tanto diferente das outras. Os ingleses são muito diferentes de nós, porisso nós chamamos os ingleses de excentricos.

— E a senhora Darling? quis saber a menina.

— A senhora Darling andava inconsolavel. Já se haviam passado varias semanas e os meninos nada de darem sinal de si. Os jornais trouxeram artigos sobre o curioso acontecimento e publicaram o retrato dos tres, com promessa duma boa recompensa para quem lhes indicasse o paradeiro. Tudo inutil.

Certa tarde a infeliz senhora estava ao pé da lareira, muito triste e desanimada, pensando nos filhos perdidos dum modo tão misterioso, quando ouviu um rumor de vôo na rua — um rumor que não era de vôo de coruja, nem de zeppelin. Parecia vôo humano. Mas não deu importancia áquilo e continuou na sua tristeza. Logo depois ouviu uma voz no quarto das crianças, que dizia: Mamãe!

— “Que será isto, Deus do ceu? exclamou ela. Estarei sonhando?”

Levantou-se precipitadamente e correu ao quarto... e viu os tres meninos nas suas caminhas, exatamente como outróra. Certa de que era sonho, esfregou os olhos com toda a força. Olhou outra vez. Lá continuavam eles. Não era sonho, não! Os seus tres filhinhos em carne e osso ali estavam novamente...

Ninguém pode descrever a felicidade da boa mãe. Abraçava um, beijava outro, chorava, ria. Uma perfeita doida. Levou tempo assim e só sossegou quando Wendy pôs-se a contar tudo quanto havia acontecido na maravilhosa Terra do Nunca, e a feiura e ruindade do Capitão Ganeho, e a valentia de Peter Pan, e o amor que os meninos perdidos tinham por ela.

— “E onde estão esses meninos? perguntou a senhora Darling.

— “Aí na rua, perto da janela.

A boa senhora os fez entrar e sabendo que não tinham mãe declarou que dali por diante ela viraria a mãe de

todos. A casa não era muito espaçosa, mas havia de dar jeito de acomoda-los muito bem.

A unica dificuldade foi com Peter Pan. Embora tivesse gostado muito da senhora Darling, o estranho menino de modo nenhum se resignava á ideia de ficar morando num mundo onde as crianças crescem e viram desenxabidissimas gentes grandes.

— “Não posso ficar, disse ele. Não acho graça em crescer. Vou voltar para minha querida Terra do Nunca, onde viverei sozinho com as fadas.

E depois :

— “Mas ficarei muito contente se Wendy e os meninos forem todos os anos passar comigo uma semana da primavera. A senhora consente?

A senhora Darling vacilou, mas como a meninada batesse palmas e fizesse uma enorme gritaria, exigindo o seu sim, ela não teve remedio — consentiu.

— “Muito bem, disse. Fica assentado isso. Todos os anos, pela primavera, Wendy e os meninos irão passar uma semana inteira na Terra do Nunca. Está satisfeito?

Começaram as despedidas. Peter Pan fez uma recomendação a cada qual dos seus antigos companheiros e beijou Wendy na testa. Depois, *prrrr!*... lá se foi pelos ares. Ia triste e alegre ao mesmo tempo. Triste, por ter perdido a companhia de Wendy, e alegre por ter resistido á tentação de virar um menino como qualquer outro — dos que crescem, criam buço e depois bigode, e acabam “adultos”, ou gente grande. Não, não e não. Havia de conservar-se menino sempre.

— E que aconteceu depois? quis saber Narizinho.

— A senhora Darling a primeira coisa que fez foi vestir decentemente os meninos perdidos. Estavam todos enfiados em roupas de piratas e ainda com cheiro da *Hiena do Mar*. Lavou-os, penteou-os, mandou cortar-lhes o cabelo e por fim os botou na escola.

— E eles se acostumaram com a nova vida?

— Custou um pouco. No fim da primeira semana já estavam arrependidos e com saudades de Peter Pan. A senhora Darling percebeu isso e, com medo que fugissem, pôs a Nana no quarto, a tomar conta deles. Cada vez que faziam menção de voar, Nana latia. Por fim como fossem perdendo aquela faculdade de voar, não pensaram mais em fugir. Certa vez em que Assobio trepou á cama, ergueu os braços e experimentou voar, esborrachou-se no tapete, tal qual Miguel no primeiro dia.

— Bem feito! exclamou Emilia. Quem manda...

— Quem manda o que, Emilia? Você parece idiota...

— Quem manda trocar a mais linda das terras, terra de piratas, de lobos famintos, de indios que fogem como lebres, de sercias de casca de prata, por essa sengraiece que deve ser Londres? Bem feito. Bem feitissimo.

— Eu tambem penso assim, disse Pedrinho. No dia em que me pilhar na Terra do Nunca, será para sempre. Ando enjoado deste mundo.

— E tinha coragem de deixar aqui a sua avó? perguntou dona Benta.

— Isso, não. Levava a senhora tambem. Levava todos. Mudava o sitio para lá...

— Continue, vóvó, pediu a menina. Que aconteceu depois?

— Depois? Nada. Isto é, nada durante um ano. Quando no outro ano chegou a primavera, Peter Pan apareceu para levar Wendy e os meninos á Terra do Nunca. Encontrou-os já bastante crescidos, como era natural. Só ele se conservara do mesmo tamanhinho.

Wendy estava ansiosa de recordar as passadas aventuras, mas Peter Pan fingia não lembrar-se de nada e só falava de novas proezas, que a menina desconhecia. Quando ela se referiu ao Capitão Gancho, Peter Pan fez cara de ponto de interrogação.

— “Quem é esse Gancho? perguntou ele franzindo a testa.

— “Não se recorda? exclamou Wendy, muito admirada. Aquele pirata que você mesmo matou, a bordo da *Hiena do Marl*...

— “Eu esqueço sempre os meus inimigos, depois de vence-los e mata-los. Não sei mais quem é esse tal Gancho.

Depois Wendy falou na fada Sininho e Peter Pan veio com a mesma coisa.

— “Fada Sininho? repetiu ele. Que vem a ser isso?

— “Oh, Peter! murmurou Wendy, profundamente chocada. Então não se lembra daquela bola de fogo que nos servia de guia nos vôos e que tinha tanto ciúme de mim? Será possível que você haja esquecido de quem salvou sua vida, Peter?

Peter Pan tentou lembrar-se mas não conseguiu.

— “Ha tantas fadas na Terra do Nunca! disse ele. Com certeza essa tal já morreu. As fadas têm as vidinhas muito curtas. Umam vivem um minuto; outras vivem uma hora; outras, um ano. Não me lembro dessa Sininho...

— Era prosa dele, observou tia Nastacia. Lembrava, sim, mas estava fingindo, para atrapalhar dona Wendy. Esses meninos magicos são levadinhos da carépa.

— E depois, vóvó?

— Wendy, muito desapontada, chegou á casinha e lá dormiu. No dia seguinte, porém, Peter Pan não appareceu, nem durante a semana inteira.

— Tinha esquecido dela, com certeza. E? o cumulo! murmurou Narizinho, danada com a má memoria de Peter Pan. E depois?

— Wendy ficou sem saber o que pensar.

— “Quem sabe se está doente? advertiu Miguel.

— “Não pode ser, disse a menina. Peter Pan nunca fica doente.

Miguel refletiu, refletiu e disse :

— “Quem sabe se ele não existe, Wendy? Quem sabe se não é sonho nosso?”

Wendy quasi chorou a essa ideia; por fim voltou para casa, muito triste.

Mais um ano se passou e ao chegar a primavera, nada de Peter Pan aparecer. E assim durante varios anos.

— Por que seria que ele abandonou Wendy?

— Porque ela estava crescendo. Peter Pan só queria saber de gatinha da sua idade e tamanho, mas como as crianças crescem, ele vivia mudando de amigos — e esquecia completamente os velhos.

— E depois?

— Passaram-se anos. Wendy cresceu, ficou uma jovem encantadora e casou-se.

— Com quem? berrou Emilia.

— Não importa com quem. Casou-se com um homem e teve uma linda filhinha que recebeu o nome de Lillian. Certo dia de primavera, quando tinha seis anos de idade, estava Lillian sozinha em sua nursery quando Peter Pan apareceu, do mesmo jeitinho que muitos anos atrás havia aparecido para Wendy, e do mesmo tamanho.

Foi um acontecimento. Lillian já sabia a historia dele porque a senhora Wendy todas as noites lhe contava um pedaço. Porisso não se assustou. Ao contrario, ergueu-se da cama com muita naturalidade e teve com ele a mesma conversa que já contei no começo deste livro. Por fim Peter Pan convidou Lillian para voar, e Lillian voou e foi parar na Terra do Nunca — e se eu fosse contar tudo que aconteceu dava outro livro ainda maior do que este.

— E depois?

— Depois Lillian voltou e cresceu e casou-se e nunca mais soube de Peter Pan, até que teve uma filhinha que

recebeu o nome de Jane. E um belo dia de primavera Jane viu Peter Pan aparecer em sua nursery, tudo igualzinho como havia acontecido com sua mãe e avó. Peter Pan levou-a para a Terra do Nunca e também lá tudo se repetiu como dantes. Depois...

— Já sei! berrou Emilia. Depois Jane cresceu e casou com um homem e teve uma filha de nome Margaret, que, etcetera e tal. Mas que significa isso, afinal de contas?

— Significa, disse dona Benta, que Peter Pan é eterno, mas só existe num momento da vida de cada criatura.

— Em que momento?

— No momento em que batemos palmas quando alguém nos pergunta se existem fadas.

— E que momento é esse?

— É o momento em que somos do tamanhinho dele. Mas depois a idade vem e nos faz crescer — e Peter Pan, então, nunca mais nos procura...



C8. O. R. C. R. 117 / F. 55



LITERATURA INFANTIL
SERIE I da
BIBLIOTECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

VOLUMES PUBLICADOS (CARTONADOS)

- I — Reinacões de Narizinho — por MONTEIRO LOBATO (2.ª edição) 65
- II — Alice no País das Maravilhas — por LEWIS CARROLL — Trad. de M. LOBATO (2.ª edição) 55
- III — Viagem ao Céu — por MONTEIRO LOBATO (3.ª ed.) 65
- IV — O Saed — por MONTEIRO LOBATO (3.ª ed.) 65
- V — Aventuras de Hans Staden — Tradução de MONTEIRO LOBATO (2.ª edição) 55
- VI — Contos de Grimm — Trad. de M. LOBATO (2.ª ed.) 55
- VII — Alice no País do Espelho — por LEWIS CARROLL — Trad. de MONTEIRO LOBATO 65
- VIII — Alice no País das Crianças — por MONTEIRO LOBATO (2.ª edição) 105
- IX — As Caçadas de Pedrinho — por MONTEIRO LOBATO (4.ª edição) 65
- X — A Historia do Mundo para as Crianças — por M. LOBATO (2.ª edição) 75
- XI — Novas Aventuras do Barão de Munchhausen — por G. A. BURGER 75
- XII — Pinocchio — por C. COLLODI — Tradução revista por MONTEIRO LOBATO 55
- XIII — Emilia no País da Gramatica — Tradução de MONTEIRO LOBATO (2.ª edição) 55
- XIV — Novos Contos de Andersen — Tradução de MONTEIRO LOBATO 55
- XV — Novos Contos de Grimm — Tradução de MONTEIRO LOBATO 55
- XVI — Contos de Fadas de Perrault — Tradução de MONTEIRO LOBATO (4.ª edição) 105
- XVII — Historia do Brasil para as Crianças — de RIATO CORRÊA (4.ª edição) 75
- XVIII — Robinson Crusoe — Adaptação de MONTEIRO LOBATO (2.ª edição) 65
- XIX — Peter Pan — MONTEIRO LOBATO 75
- XX — Arimetica da Emilia — MONTEIRO LOBATO 65
- XXI — Geografia de Dona Benta — por MONTEIRO LOBATO 85
- XXII — Historia das Invenções — por MONTEIRO LOBATO 85
- XXIII — Meu Torrão — VIRIATO CORRÊA 65
- XXIV — Meu Torrão — VIRIATO CORRÊA 65



Edições
da
**COMPANHIA
EDITORA
NACIONAL**
S. PAULO